



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz
Pós Graduação *Lato Sensu* Ciência, Arte e Cultura na Saúde

PAC como Política Pública: um olhar das crianças de Manguinhos

Leonardo Machado Coelho Monteiro

Orientadora: Prof. Dra. Maria Paula Bonatto

Rio de Janeiro
2019

Leonardo Machado Coelho Monteiro

PAC como política Pública: um olhar das crianças de Manguinhos

Monografia submetida como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Ciência Arte e Cultura na Saúde, pelo Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

Rio de Janeiro, ___/___/___

Aluno: Leonardo Machado Coelho Monteiro

Profa. Dra. Maria Paula Bonatto - Fiocruz (Orientadora)

Machado Coelho Monteiro, Leonardo.

PAC como Política Pública: um olhar das crianças de Manguinhos /
Leonardo Machado Coelho Monteiro. - Rio de Janeiro, 2019.
82 f.; il.

Monografia (Especialização) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em
Ciência, Arte e Cultura na Saúde, 2019.

Orientadora: Maria Paula de Oliveira Bonatto.

Bibliografia: f. 01-82

1. PAC-Manguinhos. 2. Políticas Públicas. 3. Museu-escola. 4. Crianças. I.
Título.

Leonardo Machado Coelho Monteiro

PAC como política Pública: um olhar das crianças de Manguinhos

Monografia submetida como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Ciência e Arte, Curso de Especialização em Ciência Arte e Cultura na Saúde, pelo Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

Aprovada em / / .

BANCA EXAMINADORA

Prof (a). Dr (a). Maria Paula Bonatto (Orientadora)

Prof. Dr. Marcio Luiz Mello (Presidente)

Msc. Anunciata Cristina Maria Sawada

Msc. Fátima Regina Pivetta

Prof. Msc. Roberto Eduardo Albino Brandão

Este trabalho é dedicado a Leticia Rodrigues e Paula Bonatto

AGRADECIMENTOS

É com grande satisfação que agradeço a todos que participaram do processo de produção deste trabalho, especialmente às crianças de Manguinhos que, a partir do projeto Tecendo Redes, contribuíram para formação da base documental analisada. Hoje são adultos e espero que tenham a oportunidade de ler esta monografia.

O desenvolvimento deste trabalho não foi fácil, pois, vivia um dos momentos mais difíceis da minha vida, envolvendo problemas de saúde, psicológicos e escolhas decisivas. É com muito prazer que agradeço a minha Orientadora Paula Bonatto, que nunca deixou de me apoiar e suportou meus momentos complicados.

À minha esposa, Leticia Rodrigues, dedico grande parte desta pesquisa, pois, sofreu junto comigo nesses anos que se passaram e agora irá comemorar junto a mim este momento de felicidade.

Este foi um ano difícil para minha mãe, pois passou por uma superação enorme envolvendo sua saúde. Gostaria que sua vitória ficasse registrada eternamente aqui! Agradeço por sempre estar preocupada comigo e procurando a todo momento saber "em que rumo está andamento da pós na Fiocruz".

Por fim, a Fiocruz atuou como um trampolim em minha esfera acadêmica e tenho certeza que com os conhecimentos desenvolvidos em conjunto poderei dar prosseguimento em uma carreira científica de qualidade equiparável aos padrões desta grande Instituição.

RESUMO

Esta monografia foi desenvolvida a partir do interesse em investigar e analisar as visões de crianças de Manguinhos, zona norte do Rio de Janeiro, em relação às influências da política pública Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) implementada nessa localidade, uma região de favelas. O trabalho se desenvolveu como pesquisa teórica e documental, tendo como base os dados gerados pelo processo educativo do projeto Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável/Museu da Vida/Fiocruz (TR), que desenvolveu ações educativas na relação entre o museu e escolas públicas de sua localidade de inserção. A metodologia da pesquisa parte da análise de documentos e ilustrações desenvolvidas por crianças e jovens, com a produção de Discursos do Sujeito Coletivo (Lefèvre & Lefèvre), buscando conhecer as expectativas e avaliações acerca da realidade vivida pelas crianças de Manguinhos no período de 2008 e 2012, segundo as mesmas. A análise teve como base a teoria dos Enunciados (BAKHTIN, 1895-1975), e buscou conhecer o teor das ideias-chave que orientam as expressões das crianças e jovens em relação ao período de implantação do PAC em Manguinhos. Os resultados sistematizados geraram uma interpretação sobre como as políticas públicas realizadas nas favelas impactam a imaginação, a realidade e as perspectivas de futuro de seus moradores.

Palavras-chave: PAC-Manguinhos; Políticas Públicas; Museu-escola; Crianças

ABSTRACT

This monograph aims to investigate and analyze the views of children from Manguinhos, northern Rio de Janeiro, regarding the public policy influences Growth Acceleration Program (PAC) implemented in this locality, a slum region. The work was developed as a theoretical and documentary research, based on the data generated by the educational process of the project Weaving Networks for a Healthy Earth Planet / Museum of Life / Fiocruz (TR), which developed educational actions in the relationship between the Life Museum and public schools of its location. The research methodology starts from the analysis of documents and illustrations developed by children and young people, with the production of Collective Subject Discourses (Lefèvre & Lefèvre), seeking to know the expectations and evaluations about the reality lived by the children of Manguinhos from 2008 and 2012 according to them. The analysis was based on the theory of Statements (BAKHTIN, 1895-1975), which sought to know the content of key ideas that guide the expression of children and youth in relation to the period of implementation of the PAC in Manguinhos. The systematized results generated an interpretation of how public policies implemented in the favelas impact the imagination, reality and perspectives of future of their residents.

Keywords: PAC-Manguinhos; Public policy; School-museum; Children

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C&T - Ciência e Tecnologia

CCPL - Cooperativa Central dos Produtores de Leite

CHP-2 - Centro Habitacional Provisório 2

CNDSS - Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde

D-SUP - Sistema de Declaração das Sociedades Uniprofissionais

DSC - Discurso do Sujeito Coletivo

DSS - Determinantes sociais da saúde

Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz

MPRJ - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro

OMS - Organização Mundial da Saúde

PAC - Programa de Aceleração do Crescimento

PIB - Produto Interno Bruto

PROSANEAR - Programa de Saneamento para Populações de Baixa Renda

RJ - Rio de Janeiro

RS - Representações Sociais

SNCT - Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

TR - Projeto Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável

TV - Televisão

UPP - Unidade de Polícia Pacificadora

LISTA DE MAPAS, FIGURAS, QUADROS E FOTOS

QUADROS

Quadro 1: Coparticipação das esferas no PAC-Manguinhos.....	16
-------------------------------------------------------------	----

MAPAS

Mapa 1: Orientação geográfica dos limites de Manguinhos.....	23
Mapa 2: Desenho ilustrativo da distribuição de favelas do Complexo de Manguinhos em 2013.....	24
Mapa 3: Localização das escolas que participaram da pesquisa	25

FIGURAS

Figura. 1: Ficha utilizada pelo Tecendo Redes no ano de 2008.	30
Figura. 2: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Albino de Souza Cruz; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano.....	35
Figura. 3: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 11 anos; série escolar: 6º ano.	36
Figura. 4: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano.	37
Figura. 5: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Ruy Barbosa; idade: 10 e 16 anos; série escolar: 6º ano e 9º ano.....	38
Figura. 6: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 11 anos; série escolar: 6º ano.....	38
Figura. 7: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 e 13 anos; série: 6º ano.	39
Figura. 8: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 e 13 anos; série: 6º ano.	39
Figura. 9: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série: 6º ano.....	40
Figura. 10: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Albino de Souza Cruz; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano.....	40

Figura. 11: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 12 anos; série escolar: 6º ano.....	41
Figura. 12: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano.....	42
Figura. 13: Ilustrações de estudantes da escola Municipal Albino de Souza Cruz; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano.....	43
Figura. 14: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Escola Municipal Presidente Juscelino Kubitschek; idade: 10 anos; série escolar: 6º ano.....	43
Figura. 15: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano.....	44
Figura. 16: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Presidente Juscelino Kubitschek; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano.....	44
Figura. 17: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 11 anos; série escolar: 6º ano.	45
Figura. 18: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Presidente Juscelino Kubitschek; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano.....	46

FOTOS

Foto 1: Rio Jacaré, em Manguinhos	56
Foto 2: Senhor com dificuldades de locomoção em Manguinhos.	60
Foto 3: Alagamento na Rua São José em Manguinhos.	60
Foto 4: Casa abalada estruturalmente por conta das obras do PAC.	61
Foto 5: Área denominada "Iraque" na Rua São José.....	61

SUMÁRIO

Introdução	1
Objetivos e Hipótese.....	3
Fundamentação Teórica	4
PAC-Manguinhos	13
A Ação Educativa Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável.....	17
Descrição do Lócus da Pesquisa	22
Metodologia.....	27
Resultados.....	34
1. Sistematização de Desenhos e Discursos produzidos no ano de 2008	34
2. Sistematização dos discursos produzidos no ano de 2012	50
Análise de Resultados	54
Considerações Finais	63
Referências Bibliográficas	68

Introdução

O estudo que aqui apresentamos tem como foco a análise da implantação de políticas públicas de urbanização espelhada nas visões de estudantes de escolas públicas locais. A intenção da pesquisa é analisar como crianças e jovens moradores da região de Manguinhos, bairro composto por favelas na zona norte do município do Rio de Janeiro, absorveram e expressaram as informações decorrentes das políticas públicas de urbanização que aconteciam nas portas de suas casas durante o final da década de 2010. A sistematização dos depoimentos e desenhos dessas crianças e jovens serão vistas à luz da análise qualitativa que embasa o presente estudo.

A importância deste projeto está na possibilidade de se construir uma reflexão sobre o que pensam e quais as expectativas de crianças de favelas diante de interferências de políticas públicas, em nosso caso, o Programa de Aceleração do Crescimento realizado em Manguinhos, RJ, no período 2007-2010 (primeira fase). Essas reflexões serão a base para se buscar compreender os impactos das promessas construídas sobre os efeitos dessas políticas diante do que acontece na realidade de vida dessas crianças. Partimos do pressuposto de que as expressões das crianças, além de apresentar especificidades próprias das experiências e pensamentos dessas faixas etárias, refletem aspectos do pensamento social como um todo. Utilizando a técnica de análise do Discurso do sujeito coletivo (DSC) (Lefèvre e Lefèvre, 2014), e as teorias de Bakhtin (1981) buscamos sistematizar escritos e desenhos para encontrar sentidos que a população local atribuiu às intervenções do Estado por meio de suas políticas públicas de urbanização.

O PAC, Programa de Aceleração do Crescimento, é um projeto do governo federal que permitiu a liberação de verbas, aplicação, formação de novos projetos e infraestrutura visando impactar a sociedade principalmente no âmbito econômico e de grandes negócios, como podemos observar na posição do Ministério do Planejamento (2015):

O PAC, Programa de Aceleração do Crescimento, criado em 27 de janeiro de 2007, através do decreto 6.025, representa um novo modelo de planejamento, gestão e execução do investimento público. Articula projetos de infraestrutura públicos e privados e medidas institucionais para aumentar o ritmo de

crescimento da economia. Modernizar a infraestrutura, melhorar o ambiente de negócios, estimular o crédito e o financiamento, aperfeiçoar a gestão pública e elevar a qualidade de vida da população são alguns dos objetivos do PAC. É também um instrumento de inclusão social e de redução das desigualdades regionais. Suas ações e obras geram empregos que garantem renda e consumo para milhares de trabalhadores e suas famílias (BRASIL, 2015)

Nossa leitura da citação acima permite destacar duas categorias de parâmetros como objetivos dessa política: o econômico e o social. O primeiro, espelhado nas palavras Infraestrutura, economia e incentivo ao consumo e o segundo, pela preocupação de que a política pública atue como “instrumento de inclusão social e redução das desigualdades regionais”. Percebe-se que a ênfase da citação remete à primeira intenção: “para aumentar o ritmo da economia”. Nesse sentido os instrumentos de inclusão social parecem destinados a ocorrer como uma consequência dos primeiros processos. Se isso aconteceu dessa forma em Manguinhos, é um dos aspectos que buscamos verificar nesse estudo.

A partir deste cenário nosso intuito é correlacionar teorias, conceitos e práticas sob a perspectiva da educação dialógica, envolvendo resultados do trabalho de estudantes, professores, educadores do Museu da Vida e pesquisadores com a meta de consolidar uma reflexão crítica¹ de cunho coletivo acerca dos temas abordados.

A pesquisa busca contribuir para situar a importância da educação dialógica na sociedade de classes da atualidade, conhecendo e analisando atividades e materiais educativos produzidos em uma conjuntura histórica específica, dando sentido ao desenvolvimento de métodos educativos que priorizem formas de escuta e de produção de reflexões tendo como base a realidade das pessoas de favelas e periferias, tornadas vulneráveis pelo modo de produção capitalista.

¹ Para Freire, a curiosidade tem duas vertentes: a ingênua, que “desarmada” associa-se ao saber do senso comum; e a epistemológica que, criticizando-se adota posturas metodicamente rigorosas ao objeto cognoscível. Ver FREIRE, Paulo, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016, p. 17-18.

Objetivos e Hipótese

O **objetivo geral** do presente estudo é investigar as visões das crianças de Manguinhos em relação às influências da Política Pública Programa de Aceleração do Crescimento – Manguinhos, sobre a realidade em que vivem (2008 e 2012) com base em pesquisas documentais, incluindo documentos gerados pelo processo educativo do projeto Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável/Museu da Vida/Fiocruz (TR). Podemos sintetizar a proposta com a seguinte questão central: como as crianças de uma região de favela expressam uma política pública de urbanização e suas contradições em um dado momento histórico?

Como **objetivos específicos** elegemos:

- sistematizar desenhos e depoimentos escritos coletados pelo projeto TR junto às crianças de escolas públicas municipais de Manguinhos no período 2008 e 2012
- Identificar questões centrais no pensamento das crianças de Manguinhos em relação à realidade em que viveram nos anos de 2008 e 2012
- correlacionar os dados sistematizados com as teorias em questão

Nossa hipótese é a de que as análises das expressões dessas crianças, geradas a partir de processos educativos entre museu e escolas, podem contribuir para uma maior compreensão sobre como as políticas públicas realizadas nas favelas impactam o imaginação, a realidade e as perspectivas de futuro de seus moradores. Esperamos também que a pesquisa evidencie contradições, apontadas pelas expressões destas crianças, no que concerne à implantação de políticas públicas de urbanização no Brasil.

Fundamentação Teórica

Como base para se compreender o sentido, as propostas e contradições do PAC como política pública destacamos aqui aspectos da situação de favela em Manguinhos e ações de seus sujeitos sociais, individuais e coletivos, incluindo o Estado, o qual Marx define a partir de seu poder político:

[...] o poder político do Estado representativo moderno nada mais é do que um comitê para administrar os negócios comuns de toda a classe burguesa. O Estado seria originário da necessidade de um grupo, ou classe social, manter seu domínio econômico a partir de um domínio político sobre outros grupos ou classes (MARX, 1993, p.96).

Na intenção de abordar conceitualmente o termo política pública, Célia Lessa (2014) nos propõe uma definição a seguinte definição:

Trata-se, genericamente, dos programas e ações desenvolvidos direta ou indiretamente pelo Estado, com vistas ao interesse público, ou, de modo mais estrito, dos princípios e propósitos que animam as decisões do Estado em várias áreas onde germina o interesse público, tal como estes se expressam em programas e ações. Mesmo nem sempre encontrando correspondência perfeita em normas constitucionais, as políticas públicas no mínimo não podem ferir esses preceitos e são, sob muitos aspectos, o braço executivo de direitos expressos na Constituição. (LESSA, 2014, p. 2)

Lessa identifica duas vertentes características das ações de políticas públicas: A primeira tem como objetivo a amenização de situações de pobreza, privação e vulnerabilidade, ou seja, “situações de caráter periférico”; a segunda toma o preceito da prevenção, resolvendo problemas sociais mais amplos, criando oportunidades e atendendo a necessidades. Vejamos com mais clareza:

Grosso modo, há dois paradigmas principais de política pública social: o primeiro a concebe como o conjunto de programas e ações governamentais voltadas para o alívio de situações de pobreza, privação e vulnerabilidade; o segundo enfatiza ações e programas em sua capacidade de resolver problemas sociais, atender necessidades e criar oportunidades. (2009, MIDGLEY *apud* LESSA, 2014, p. 2)

A autora considera a segunda concepção como mais ampla. Essa viria estabelecendo uma crítica à primeira, onde fica o pressuposto de que

problemas sociais são periféricos e residuais. Assim, segundo a autora, a concepção ampla se apoia no diagnóstico de que a economia de mercado é um sistema que necessariamente gera problemas, ou em suas próprias palavras: “a vida social em economias de mercado gera custos e necessidades sociais a requerer intervenção protetora e preventiva (LESSA, 2014, p. 3).

A cidadania é amplamente citada durante seu trabalho, no qual se destaca a correlação tecida pela autora entre as políticas públicas e a busca por parte dos sujeitos sociais de que essas sejam fatores de promoção da cidadania. A concepção da cidadania está, segundo a autora, em “coevolução” junto às estratégias de desenvolvimento e mudanças de regimes políticos. (Lessa, 2014, p 3)

Assumindo as determinações de uma sociedade estruturada sob os interesses do capital sobre uma classe que vai se tornando cada vez mais vulnerabilizada, nosso estudo busca elementos entre os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) para caracterizar com mais segurança e clareza as respostas às nossas questões. Para definir o conceito de DSS pelo âmbito da saúde pública tomamos como base o texto “*A saúde e seus determinantes sociais*”, Buss e Pelligrinni, onde:

As diversas definições de determinantes sociais de saúde (DSS) expressam, com maior ou menor nível de detalhe, o conceito atualmente bastante generalizado de que as condições de vida e trabalho dos indivíduos e de grupos da população estão relacionadas com sua situação de saúde. Para a Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), os DSS são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população. A comissão homônima da Organização Mundial da Saúde (OMS) adota uma definição mais curta, segundo a qual os DSS são as condições sociais em que as pessoas vivem e trabalham. (BUSS e PELLEGRINI, 2007, p. 78)

Em outra passagem, Buss e Pelligrinni destacam, o estudo de mecanismos através dos quais os DSS provocam iniquidades na saúde, apontando a seguinte variante:

[...] A primeira delas privilegia os “aspectos físico-materiais” na produção da saúde e da doença, entendendo que as diferenças de renda influenciam a saúde pela escassez de recursos dos indivíduos e pela ausência de investimentos em infraestrutura comunitária (educação, transporte, saneamento,

habitação, serviços de saúde etc.), decorrentes de processos econômicos e de decisões políticas. (BUSS e PELLEGRINI, 2007 p. 82)

Nesse sentido o enfoque da análise dos dados tendo como base os DSS, aponta para as condições em que as políticas públicas são criadas e implantadas. Há que se considerar que ao se propor uma política pública de aceleração do crescimento para uma população de favela espera-se, dentro da perspectiva dos DSS, que as populações atingidas por essa política tenham uma chance concreta de superar as barreiras que a iniquidade social representa e é exatamente nesse sentido que a política se justificaria.

Porém, não podemos desconsiderar a correlação dos DSS com o capital. Sua abordagem, por vezes, promove uma definição simplória para transtornos sociais, sem se aprofundar na problemática da sua existência. Parâmetros são traçados e elencados como centrais na determinação da saúde ou da doença, mas a questão é: Por que a sociedade capitalista promove discrepâncias econômicas expressas nas classes sociais que convivem em uma mesma realidade? O conceito de DSS é definido por instituições geridas pelo próprio capital, como a Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS) orientada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (BUSS e PELLEGRINI, 2007, p. 83). Não há questionamento quanto à competência destas instituições, porém, o fato é que funcionam como ferramentas de um sistema criado para lidar e não necessariamente para solucionar problemas causados diretamente pelo capital.

As políticas públicas aplicadas em Manguinhos direcionadas pelo PAC estão diretamente relacionadas às discussões sobre fatores sociais Determinantes da Saúde, ou da doença, mas, a possibilidade de compreensão desses fatores nos remete aos processos de Determinação Social da Saúde, termo que problematiza o anterior no que se refere às disputas sociais pela produção da saúde coletiva. Devemos uma atenção especial ao termo “Determinação Social da Saúde” (ROCHA, 2015), pois o destaque para essa sutil diferença – determinante X determinação – aponta para o enfrentamento de questões histórico-sociais que superam a relação imediata saúde-doença. Rocha (2015) argumenta pela obsolescência da definição dos “Determinantes” em favor da “Determinação”, com base em parâmetros marxistas que apontam

para processos – e não apenas fatores - de produção e reprodução da saúde ou da doença. A autora destaca a importância de ser crítica diante dos encaminhamentos orientados pela ciência hegemônica ocidental, mostrando a importância de se construir “novas formas de pensar a saúde e novos modos de organizar e desenvolver as práticas e ações da saúde” (ROCHA, 2015, p. 131).

Nesse sentido os dois termos são contrastados e ressignificados pela autora. Pode-se afirmar que a Determinação Social da Saúde é entendida como uma concepção que toma em consideração um campo mais robusto do que o proposto pelo termo restrito aos Determinantes. Ao destacar esse campo, no qual se produzem os processos saúde-doença, a autora busca trazer para o plano da consciência, um entendimento que estabeleça relações entre a “realidade fragmentada e a totalidade social”. Quando partimos para uma discussão sobre os “Determinantes”, percebemos que estes favorecem a identificação de variáveis sociais mensuráveis em detrimento de uma compreensão mais densa e descritiva dos contextos de saúde, suas disputas e contradições, que a palavra “Determinação”, associada à processos complexos, indicaria (ROCHA, 2015, p. 134).

Ainda na concepção da autora, os Determinantes tendem a ser interpretados superficialmente, privilegiando dados e deixando de lado processos importantes para a compreensão das barreiras que se apresentam para certas classes que não tem acesso a saúde. Diante de disso

Parte-se do reconhecimento de que, sob o capital, as relações sociais de produção e reprodução da vida são permeadas e expressam as contradições inerentes aos projetos de classe em disputa, e que estas contradições, por sua vez, expressam-se em desiguais formas de viver, adoecer e morrer. (ROCHA, 2015, p. 131)

A autora sugere a necessidade de se superar uma visão epidemiológica positivista para além dos indicadores e fenômenos de efeito imediato, visto que em uma população não há apenas um perfil epidemiológico, mas vários, pois, os grupos que compõem a sociedade estão expostos a diferentes potenciais de desgaste ou fortalecimento. Rocha (2015) expõe o conceito de Determinação Social da Saúde como referencial teórico no que tange a ligação da coletividade com o caráter histórico-social na questão saúde-doença. Esse

conceito diverge da abordagem dos DSS, que segundo a autora, tende a reduzir as discussões, ignorando de maneira geral os processos sociais complexos que determinam a falta de acesso à saúde para além das estatísticas de ocorrências de doenças. Por exemplo, ao relacionarmos o baixo nível de saneamento básico na região de Manguinhos com as doenças às quais a população fica exposta, sob a ótica da Determinação, há que se considerar o intenso investimento em políticas públicas para região que se materializou por meio do PAC e os resultados objetivos dessas políticas. Nesse sentido pergunta-se, quais os processos históricos de Determinação da Saúde mantêm a população em situação de doença, apesar de todo o investimento? O raciocínio de Rocha (2015) indica caminhos para se responder à questões como essa:

[...] a saúde e a doença também dependem das condições socioeconômicas, embora não somente delas. Estas abordagens concordam que os fatores econômicos (renda, emprego e organização da produção) podem interferir positiva ou negativamente na saúde de grupos populacionais; que os ambientes de convivência e de trabalho podem gerar efeitos mais ou menos lesivos à saúde das pessoas; e que a cultura e os valores também podem interferir ampliando ou restringindo as possibilidades de saúde das pessoas, pelo valor que se atribui à vida, reconhecimento de cidadania, concepção de saúde, e forma como cada povo lida com as diferenças de gênero, de etnia e até mesmo econômicas (ROCHA, 2015, p. 131).

Sob a ótica do conceito de processos de Determinação, para além do reconhecimento dos Determinantes, percebe-se efeitos negativos e uma grave iniquidade social diante da consolidação do modelo político, social e econômico Neoliberal no mundo. A partir da década de 1980, essa discussão torna-se ainda mais relevante, pois, acentuou-se a preocupação com as injustiças sociais provocadas pelo então novo modelo político neoliberal (ROCHA, 2015).

O mercado livre e autorregulado, que parecia ter sido enterrado no início do século XX reformula-se diante do modelo Neoliberal vigente, amparado na ciência moderna e na cultura hegemônica ocidental, sempre prezando pelo individualismo. Rocha (2015) destaca o papel da produção científica nesse processo sob a forma do chamado neopositivismo:

O neopositivismo e a ciência contemporânea reduziram o conceito de determinante social da saúde a um fator causal empírico, através do uso de métodos e inferências estatísticas.

Alguns autores afirmam a importância de se rediscutir a determinação social da saúde, no sentido de superar a noção positivista expressa no conceito de DSS, visto que a teoria da produção social da saúde abarca o caráter histórico-social do processo saúde-doença, propiciando explicitar a relação entre o biológico e o social, e entre o individual e coletivo (ROCHA, 2015, p. 134).

Verifica-se, portanto, segundo a autora, a tendência da abordagem reducionista dos elementos, sobretudo quando se discute dados ligados à epidemiologia de forma individualizada, desconsiderando os fatores sociais que podem estar ou não envolvidos no processo de adoecimento do indivíduo e da população.

A posição defendida pela autora remete a transformações sociais profundas a partir de suas estruturas e processos sociais:

[...] o nível de saúde seria decorrente da estratificação social, determinante do contexto ou do território, assim como da distribuição desigual dos fatores produtores de saúde: materiais, biológicos, psicossociais e comportamentais. A desigualdade econômica, caracterizada pela posição que o indivíduo ocupa na estratificação social, determinaria uma desigualdade de acesso aos fatores de boa ou má saúde, implicando o aumento das iniquidades da área. Combater a desigualdade significaria melhorar o nível de saúde, mas para tal, faz-se necessário desenvolver políticas intersetoriais (econômicas, de emprego, de renda, moradia, educação, etc.), garantindo a participação e empoderamento das populações, para que estas possam colaborar com a transformação da sociedade. Portanto, esta ênfase na revalorização dos indivíduos como sujeitos de suas ações sugere que os mesmos estão implicados nas estruturas e estas, por sua vez, nos significados das ações sociais entre o individual e coletivo (ROCHA, 2015, p. 132).

Percebe-se claramente, segundo a autora, que ações direcionadas e responsáveis são impreteríveis para que ocorram mudanças substanciais na sociedade. Fica a questão: seriam as políticas públicas de inclusão social tão divulgadas nos programas Neoliberais da atualidade, potenciais soluções para a universalização das condições de saúde?

A visão de Virgínia Fontes (1996), em seu artigo *Capitalismo, Exclusões e Inclusão Forçada*, mostra que os aspectos apontados por Rocha (2015), quase duas décadas depois, compõem uma realidade complexa e estruturada de forma a manter-se desigual como previsto em uma sociedade capitalista de exploração entre classes. Fontes (1996) discorre sobre as possibilidades de

inclusão e exclusões sociais, apontando que qualquer migração dentro da estratificação social ocorre visando interesses capitalistas.

Fontes (1996) promove uma reflexão sobre os conceitos de inclusão e exclusão social, mostrando que no ambiente capitalista não há exclusões literais, pois, os marginalizados na sociedade também são necessários para o funcionamento do sistema. Com este princípio, propõe ajustar conceitos cunhando os termos *Inclusões Forçadas* e *Exclusões Internas*, sugerindo impossibilidades de escape das relações sociais de exploração no contexto do capitalismo.

A autora analisa a insuficiente exploração intelectual do conceito de “exclusão social” e suas simplificações beirando o senso comum, promovendo uma discussão conceitual com autores que se debruçaram sobre o tema. Afirma que a formação social capitalista, por seu caráter essencialmente mercadológico e com fins lucrativos, não abre brechas para contatos exteriores ao sistema, ou seja, de 'exclusão'. É importante considerar que nossa análise está construída sob a ótica de intervenções políticas de uma sociedade hierarquizada e dividida em classes sociais na qual a dominação está inserida na política, na economia e no social.

Há uma cultura atrelada ao conceito de “exclusão social” que discute a ideia de maneira reducionista, direcionando a culpa da condição social do indivíduo pura e simplesmente à sua falta de afinco ou dedicação, ignorando por completo as variantes que estão envoltas nesse processo, o que sustenta a ideia de Meritocracia como forma de ascensão social. Fontes esclarece que:

[...] os temas que englobam o que atualmente se denomina exclusão social foram analisados, ao longo deste século, sobretudo através de alguns de seus aspectos ou implicações. Em sua maioria, as análises encaravam-na como forma passageira de um desequilíbrio ou como uma disfunção social ou, ainda, como inadaptação individual. Temas, por exemplo, como a marginalidade — e seu correlato, as modalidades "corretivas", em geral realizadas através de intervenção social (filantropia e assistência social) — foram muitas vezes associados a uma inadequação de certos grupos ou indivíduos à vida social, como resultado de deficiências ou limitações a serem superadas pelo sistema educacional ou, ainda, através de acompanhamentos diversos (assistentes sociais, psicólogos, sociólogos etc.). (FONTES, 1996, p. 35).

A expressão “inadaptação individual” utilizada pela autora nos remete diretamente ao conceito chave do Capitalismo: individualismo. O sistema tende a atrelar as vitórias e derrotas apenas ao indivíduo, atribuindo a “inadaptação” à falta de dedicação, assumindo um discurso de conquista pessoal, naturalizando o fato de que, na maioria das vezes, nesta corrida de objetivos inalcançáveis, o indivíduo fica pelo caminho. O correlato desse pensamento na área da saúde seria o conceito de “estilo de vida saudável” em contraposição à série de lutas que os indivíduos empobrecidos travam no seu dia a dia para garantir sua mera existência.

Fontes (1996) retoma Marx argumentando que o capital se utiliza, bem como cria e incentiva a existência de mão de obra ociosa para regular os valores de mercado e custos de produção, a partir do princípio base da *lei de oferta e procura*. Caracteriza assim como “excluída”, uma parcela que atua como importante ferramenta no sistema operacional do Capitalismo. Diante disto a autora nos questiona: “Características constitutivas da expansão do capitalismo, a impossibilidade de assegurar a própria subsistência ou o desemprego constituiriam uma exclusão?” (FONTES, 1996, p.36). O termo designado pela autora como *Inclusão Forçada* remete ao fato de que os indivíduos pertencem à uma dada sociedade e a seu sistema de produção e reprodução da vida, mesmo sem optar por isso. A partir de uma discussão conceitual Fontes (1996) se apoia em Balibar (1992) que afirma:

[...] ninguém pode ser excluído do mercado, simplesmente porque ninguém pode dele sair, posto que o mercado é uma forma ou uma 'formação social' que não comporta exterioridade. Dito de outra forma, quando alguém é expulso do mercado, na realidade, funcionalmente ou não, ele é mantido em suas margens, e suas margens estão sempre ainda em seu interior. Não seria o mercado essa estrutura ou instituição social paradoxal, talvez sem precedentes na história, que inclui sempre suas próprias 'margens' (e, portanto, seus próprios 'marginais') e que, finalmente, somente conhece exclusão interna? (BALIBAR, 1992, p. 202 *apud* FONTES, 1996, p. 38)

Em resumo, não há como sair do mercado ou ficar em situação obsoleta a ele, no máximo, o indivíduo aloca-se nas margens sociais, ainda no interior do sistema e como condição operacional para o mesmo.

Os conceitos apresentados até aqui descrevem estruturas político-sociais complexas que fundamentam a presente investigação, pois, partimos

do pressuposto de que a ideia de capitalismo mundializado (CHESNAIS, 2015)² se reflete nas políticas públicas implementadas no território e nas ações educativas que estamos analisando.

A seguir descrevemos o PAC como política pública para Manguinhos e a ação educativa Tecendo Redes que gerou os dados por nós analisados.

² Macroeconomicamente o regime mundial de acumulação de capital tende a assumir características rentarias e parasitárias. O Neoliberalismo otimiza a financeirização mundial, dando destaque aos fundos de investimento. Ver CHESNAIS, François (2015) *Mundialização: o capital financeiro no comando*. Revista Outubro, Edição 5, Artigo: p. 13 – 17.

PAC-Manguinhos

Uma de nossas principais referências para essa discussão é a tese de Cláudia Trindade (2012) intitulada: “Não se faz omeletes sem quebrar ovos: Política Pública e participação social no PAC Manguinhos – Rio de Janeiro”.

O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), firmado a partir do decreto presidencial 6.025/2007, foi lançado como uma ferramenta para impulsionar o desenvolvimento do Brasil em diversas áreas, combinando abordagens sociais e estruturais, como obras de urbanização, rodovias, produção de energia, etc. O projeto é permeado pelo o pressuposto de que o governo Lula 2003-2007 retirou o Brasil de uma profunda crise e lançou bases sólidas para o desenvolvimento, com indicadores econômicos positivos e condições para ampla distribuição de renda, criando um cenário propício para a superação das desigualdades.

O PAC foi estruturado a partir dos eixos: Investimento em Infraestrutura; Estímulo ao Crédito e ao Financiamento; Melhora do Ambiente de Investimento; Desoneração e Administração Tributária; Medidas Fiscais de Longo Prazo; Consistência fiscal (BRASIL, 2007). Um programa de investimentos teve como objetivo correlacionar a modernização com medidas econômicas e apoio à iniciativa privada. Segundo seus documentos de referência, a política amparou-se no “crescimento do PIB e do emprego, intensificando ainda mais a inclusão social e a melhora na distribuição de renda do País” (BRASIL, 2007). A política foi subdividida em três vertentes: *Logística* (Rodovias, Ferrovias, Portos, Aeroportos e Hidrovias); *Energia* (Geração e Transmissão de Energia Elétrica. Petróleo, Gás Natural e Combustíveis Renováveis); *Social e Urbano* (Saneamento, Habitação, Transporte Urbano, Luz para Todos e Recursos Hídricos).

As ações do PAC na região de Manguinhos estão inseridas especificamente no Eixo *Social e Urbano* (TRINDADE, 2012, p. 80), tendo sido esse um dos maiores índices de investimento do PAC. A partir do texto explicativo do programa percebe-se uma tendência prioritária de se justificar a necessidade das movimentações econômicas relativas ao âmbito Social e Urbano, sendo que, esse mesmo texto, ao final, destaca:

[...] aperfeiçoar a gestão pública e elevar a qualidade de vida da população são alguns dos objetivos do PAC. É também um instrumento de inclusão social e de redução das desigualdades regionais. (BRASIL, 2015).

Esse é o contexto em que foi lançado o *PAC Favelas*, inserido no eixo Social e Urbano, tendo como um dos principais objetivos o saneamento e urbanização de favelas. Iniciou-se, portanto, uma grande força operacional que promoveu a esperança para moradores das favelas envolvidas.

Essa culminância tem origem em um Rio de Janeiro que, como um todo, sofreu grandes transformações urbanas desde o final do século XIX e início do século XX. Toda esta conjuntura formulou o surgimento de favelas, associadas ao crescimento exponencial dos grandes centros urbanos sem aplicação de uma logística para formação estrutural equânime. Trindade (2012) situa:

[...] o desenvolvimento das cidades como apoiado numa política singular: na ausência de políticas e garantia dos interesses que englobassem toda a população. Se a condição geral que rege a produção capitalista tende a concentrar riqueza, produzindo seres disponíveis para o mercado, no caso brasileiro acrescentava-se uma extrema desigualdade social, herança do passado colonial que se reconstituía sob novos formatos, a partir de extrema violência no trato da questão social (TRINDADE, 2012, p. 21)

Entre 1910 e 1940 foi iniciado um processo de industrialização na região de Manguinhos. Por volta de 1960 processos de ocupação foram incrementados na região com assentamentos, remoções, moradias provisórias, promessas de novas habitações com qualidade e financeiramente acessíveis aos moradores. Isso não ocorreu de maneira satisfatória e Manguinhos foi se tornando cada vez mais um aglomerado populacional em situação de vulnerabilidade. Com a profunda crise econômica da década de 1970/80 e desindustrialização da região – a partir de um conceito macroeconômico – o desemprego aumentou consideravelmente, colaborando para vulnerabilidade e péssimas condições de vida dos moradores dessa região (TRINDADE, 2012, p. 33-38). Com o passar dos anos, principalmente na década de 1980, a área passa por um processo de empoderamento do narcotráfico e o governo se distancia de intervenções na região (TRINDADE, 2012, p. 28-32). Há que se considerar que a ausência da atuação do Estado em determinadas regiões ou situações pode ser interpretada como um aspecto da política pública, visto que

os impactos desta omissão podem sim partir de planejamentos (LESSA, 2014, p. 3) com consequências esperadas e direcionadas para certas populações ou regiões.

Destaca-se aqui que a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) estabelece um diálogo permanente com esta região, pois é integrante de Manguinhos e de sua realidade social. Pesquisas, intervenções e trabalhos de campo, em sua maioria voltados para a promoção da saúde coletiva, são realizados na localidade.

———Considerando os contextos histórico-sociais de cada região, as principais favelas onde foram promovidas ações pelo PAC na cidade do Rio de Janeiro foram as do Complexo do Alemão, Complexo de Manguinhos e Favela da Rocinha, havendo nesses locais uma tripartição nas responsabilidades de intervenção, divididas entre os poderes Federal, Estadual e Municipal, cada um a partir de sua competência: verbas e diretrizes foram estabelecidas pelo governo federal; houve preservação da autonomia e abertura para articulação entre Estados e Municípios; as decisões no direcionamento das ações foram reservadas aos gestores diretos (governadores, prefeitos, secretários).

A Casa Civil Municipal, junto ao Ministério do Planejamento articulava os meandros e dividia as responsabilidades da gerência do sistema. Foram criados diversos mecanismos de controle, em várias etapas, desde o âmbito federal até o regional. Fluxogramas foram criados para melhorar a orientação operacional e passar transparência, sugerindo a possibilidade ampliada de supervisão cidadã. As intervenções previstas para Manguinhos (não necessariamente realizadas) estão indicadas nos quadros que se seguem:

Intervenção do Governo Estadual	
Vitória de Mangueiros (Conab) Embratel	Elevação da Via Férrea; Estação Intermodal; Parque Metropolitano; Centro Cívico (Biblioteca, Centro de Referência da Juventude, Centro de Geração de Renda, Centro de Apoio Psiquiátrico (CAPS), Centro de Apoio Jurídico, Unidade de Pronto Atendimento (UPA), Escola de Ensino Médio); Centros Habitacionais; Ligações com Eixos; Centro Esportivo; Centro Esportivo ¹⁴

Intervenção do Governo Municipal	
Vila União CHP2 Parque João Goulart Vila Turismo Mandela de Pedra Nelson Mandela SamoraMachel	<u>Infraestrutura</u> Iluminação Pública Drenagem Abastecimento de água Esgotamento Sanitário Coleta de lixo <u>Urbanização</u> Viário Lazer e Paisagismo Mobiliário Urbano Comunicação Visual

Quadro 1: Coparticipação das esferas no PAC-Manguinhos. Fonte: Trindade (2013, p 14)

Embora, segundo Trindade (2013) os projetos não falassem em polícia, a perspectiva da “segurança” também foi prevista nas favelas mediadas pelo PAC, sendo que, a partir de 2009, o governo estadual do Rio de Janeiro promoveu a implantação das primeiras Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) nesses locais.

A efervescência social gerada pela previsão das intervenções relativas ao PAC Manguinhos é o contexto em que foi desenvolvida a ação educativa Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável, uma ação que propiciou a expressão de crianças e jovens de Manguinhos acerca dessa política pública, foco da análise do presente estudo. As características da ação educativa Tecendo Redes serão descritas a seguir.

A Ação Educativa Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável

A partir de 2007, um ano antes da implementação do PAC-Manguinhos, iniciou-se no Museu da Vida/Fiocruz – RJ, o projeto Tecendo Redes por um Planeta Saudável com a intenção de promover ações educativas com base nos temas da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT). O estabelecimento de um período anual específico para a discussão acadêmica voltada para difusão e popularização da ciência e tecnologia foi definido pelo governo federal em 2004 e ocorre até os dias atuais, tradicionalmente no mês de Outubro.

Sob a perspectiva da relação museu-escola, o projeto Tecendo Redes - Manguinhos tem como base a problematização da realidade focada nas vivências dos territórios de favela em que a Fiocruz está inserida.

Este trabalho acontece entre a Fiocruz, como uma instituição de pesquisa e ensino, e escolas públicas de territórios vulnerabilizados tendo como marco um diálogo onde, como uma corrente colaborativa, estudantes, educadores e pesquisadores trabalham em conjunto para alcançar objetivos construídos coletivamente. Nesse processo são realizadas ações antes, durante e depois das visitas ao museu buscando reunir conhecimentos dos estudantes e suas famílias, dos professores e dos pesquisadores. Segundo Bonatto e Vasconcellos:

A ação Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável é uma articulação de trabalhos educativos entre museus pertencentes a instituições de pesquisa, e escolas públicas municipais de um mesmo território para ampliar as possibilidades das relações interinstitucionais favorecendo a realização de uma educação emancipatória em contextos societários em que a classe trabalhadora se encontra vulnerabilizada pelos processos de expropriação que caracterizam o modo de produção capitalista. Atuamos a partir do diálogo entre estudantes, educadores e pesquisadores acerca da problemática socioambiental desses territórios onde nos encontramos, seja como moradores, seja como trabalhadores (BONATTO E VASCONCELLOS, 2014, p. 2).

O conceito de educação emancipatória está entre os principais no arcabouço teórico que sustenta o presente estudo, tendo como base os escritos de Paulo Freire (1921-1997), interpretados por Costa e Loureiro:

“A visão de mundo que reforça o valor do sonho e a utopia numa perspectiva histórica como possibilidade é coerente com a forma de pensar a educação como um caminho para a

emancipação dos oprimidos” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p. 18). Dizer não ao fatalismo e às posturas sectárias já é comprometer-se com uma nova forma de pensar a educação e agir enquanto sujeitos, pois Freire entende o ser humano como ser histórico-social. (2010, STRECK, REDIN E ZITHOSKI, *apud* 2016, COSTA e LOUREIRO p. 112)

Bonatto e Vasconcellos (2014) destacam a definição de Loureiro (2007) que sustenta que emancipar é trabalhar para superar a miséria intelectual e econômica que está associada a relações paternalistas e assistencialistas, eliminando privilégios de oligarquias que se constituíram com a lógica colonial que instaurou o Brasil. Loureiro também destaca que a educação emancipatória trabalha para construir a capacidade crítica de pensar e intervir para superar a apropriação privada do conhecimento científico e para combater as práticas políticas que viciam a democracia e sufocam o desejo da participação. Finalmente, Loureiro destaca que a educação emancipatória deve lutar contra “as relações de classe que condenam milhões a uma condição indigna, de precariedade na luta pela sobrevivência, por força dos interesses do mercado e de seus agentes, coisificando’ a vida” (LOUREIRO, 2007, p. 161)

Para concretizar os objetivos de uma educação emancipatória o Tecendo Redes construiu instrumentos que possibilitem o diálogo efetivo entre seus participantes. Por isso uma das etapas de concretização das ações do projeto prevê a utilização de fichas - diagnóstico nas quais questões centrais são feitas aos estudantes visando construir relações entre a realidade local e global tendo acesso às visões dos estudantes sobre essas questões. Nessa ficha sempre é acrescentada uma pergunta feita com base nos temas anuais da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Por exemplo, considerando o tema ciência no Brasil a ficha foi acrescida da questão: Você acha que a ciência produzida na Fiocruz pode contribuir para melhorar a vida em Manguinhos? Como? Outro exemplo é a ficha abaixo que foi utilizada quando o tema da SNCT 2012 foi “*Economia Verde, Sustentabilidade e Erradicação da Pobreza*”

TECENDO REDES POR UM PLANETA TERRA SAUDAVEL

FICHA PARA CONSTRUÇÃO COLETIVA DA ATIVIDADE DA SNCT 2012 – Colégio _____ e Museu da Vida - Fiocruz

TEMA: ECONOMIA VERDE, SUSTENTABILIDADE E ERRADICAÇÃO DA POBREZA

Nome: _____ Professor (a) _____ Data: _____ Idade _____ Série _____

	Como era antigamente?	Como é atualmente?	Como vocês gostariam que fosse?	O que você tem feito sozinho, com sua família e/ou com seus amigos para construir este futuro?	O que mais poderia ser feito com as outras pessoas de sua comunidade, do Rio de Janeiro, do Brasil e do Planeta Terra para construir este futuro?
<i>O planeta Terra</i>					
O Brasil					
A comunidade onde você mora					
A vida no lugar onde você mora					

Escreva no quadro abaixo as principais coisas que vêm à sua mente (não se preocupe com os erros, o mais importante é conseguir expressar seu pensamento):

Qual é o problema mais grave do meio ambiente onde você mora?

Essas questões são respondidas por todos os participantes da ação educativa: estudantes e seus familiares, educadores, pesquisadores e trabalhadores da instituição. A metodologia do trabalho prevê que as ações educativas sejam construídas a cada ano a partir das respostas dadas à essa ficha. Nesse sentido a ficha serve como ferramenta de escuta e de promoção de debates que se desdobram em atividades de ação-reflexão em diversos ambientes da comunidade: escola, centros de saúde, visitas ao museu. O projeto também avança com reflexões construídas no âmbito de um grupo de estudos que agrega professores do território e educadores do Museu da Vida.

Com o passar dos anos o projeto Tecendo Redes assumiu diferentes formatos tendo suas atividades planejadas e executadas coletivamente, buscando fortalecer as relações entre comunidade e instituições públicas envolvidas para materializar ações de educação emancipatória.

A relação educativa entre museu/instituição de pesquisa e escola pressupõe que se respeite as especificidades e missões de cada instituição de forma que cada uma contribua para o processo educativo trazendo o que pode fazer de melhor. Vasconcellos, em sua tese de doutorado (VASCONCELLOS, 2008), estudou a potencialidade dessa relação sob a ótica de dois conceitos centrais: o conceito de cooperação em Marx e o conceito de “co-laboração” em Paulo Freire. O primeiro remete à visão de que o capitalismo assume um movimento crescente ao se organizar em atividades combinadas entre seus participantes. O que se propõe é que a construção de um projeto contra-hegemônico assuma esses mesmos cuidados no sentido de que cada setor participante abandone um estado de alienação realizando um trabalho combinado onde cada um contribua com o que pode acrescentar de melhor. Assim, como afirma Marx:

O efeito do trabalho combinado não poderia ser produzido pelo trabalho individual, e só o seria em um tempo muito mais longo ou numa escala muito reduzida. Não se trata aqui da elevação da força individual através da cooperação, mas da criação de uma força produtiva nova, a saber, a força coletiva. (MARX, 2006, p. 379, *apud* BONATTO E VASCONCELLOS, 2004, p. 1).

Essa visão se traduz nas práticas educativas propostas por Paulo Freire que traz como ferramenta o conceito de “Co-laboração”:

“Enquanto na teoria da ação antidialógica a conquista,[...] implica num sujeito que conquistando o outro, o transforma em quase ‘coisa’, na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em CO-LABORAÇÃO” (FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, 1987, p.165 *apud* VASCONCELLOS, 2008).

Esse projeto vem na linha de questionamento e de organização de ações contra uma educação que reproduz as desigualdades e de políticas públicas distribuídas desigualmente em uma sociedade de classes. A linha metodológica que sustenta essa iniciativa é a construção de estratégias de promoção do diálogo entre os participantes da ação educativa visando a construção de conhecimentos de forma não alienada e emancipatória. Alguns dos resultados desse diálogo serão analisados no presente estudo, priorizando a discussão voltada para o PAC – Manguinhos.

Na prática essa proposta se traduz na criação de visitas diferenciadas nos museus participantes do projeto, na medida em que as fichas respondidas pelos participantes são instrumentos para orientar as mediações construídas para essas visitas. Assim, tanto o museu apresenta seus conteúdos a partir de seu acervo, como os estudantes visitantes ressignificam esse acervo na medida em que trazem para os educadores suas perspectivas e prioridades diante da vida vivida no território em que compartilham.

As fichas também materializam a voz dos estudantes diante de um mundo que está em permanente discussão por meio das propostas educativas associadas a projetos de reconstrução dessa realidade. É justamente com esse fim que o presente estudo vem colocar o foco na análise das respostas às fichas preenchidas nos anos de 2008 – início do PAC Manguinhos e 2012 – finalização das intervenções no PAC Manguinhos como forma de “ouvir” a fala desses estudantes quanto à suas expectativas e avaliações sobre as intervenções do PAC como política pública.

Descrição do Locus da Pesquisa

A região de Manguinhos compreende um território na Zona Norte do Rio de Janeiro. Nela está inserido o campus da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, autarquia do governo federal que atua no campo da saúde em todo território brasileiro. Manguinhos é tratado como um complexo/conjunto que agrega várias favelas ou comunidades. Dentre as primeiras comunidades que compõe Manguinhos destacam-se Amorim (1901), Varginha (1941), João Goulart (1951), CHP2 (1951) e Vila Turismo (1951) (FERNANDES e COSTA, 2013).

Conforme o passar dos anos, programas políticos – habitacionais (e/ou sua ausência) orientaram a ocupação da região, determinando condições sociais e econômicas, provocando o afloramento de novas subdivisões comunitárias e identidades sociais. Por conta disso os limites da localidade são muitas vezes questionados estando sempre em alteração, sendo discutível o estabelecimento de uma definição exata de seus limites. Tomamos como base ilustrativa imagens retiradas de sites que oferecem uma perspectiva geográfica. A seguir (Mapa 1) pode se observar uma visão de satélite que delimita a região de Manguinhos como um todo, tendo em paralelo duas rodovias de fluxo intenso: a rodovia Leopoldo Bulhões e a Avenida Brasil (marcações feitas por nós):



Mapa 1: Orientação geográfica dos limites de Manguinhos. Fonte: GOOGLE MAPS. [Manguinhos]. 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2ljtLYv>>

Em 2013, a Fiocruz em conjunto com o Conselho Comunitário de Moradores de Manguinhos realizou um mapeamento de cunho popular das atuais favelas da região e seus pontos de interesse, como bares, restaurantes, mercados e conveniências (FERNANDES e COSTA, 2013). Temos abaixo um esboço do trabalho conjunto delimitando as comunidades que compõem essa região de favela: Condomínio CCPL; Condomínio D-SUP; Vila União; CHP-2, Coreia (atualmente subdivisão do CHP-2); Parque João Goulart; Vila Turismo; Parque Oswaldo Cruz, também conhecido como Amorim; Conjunto Nelson Mandela; Conjunto Samora Machel; SAMORA II - EMBRATEL; Condomínio EMBRATEL e Mandela de Pedra.



Mapa 2: Desenho ilustrativo da distribuição de favelas do Complexo de Manguinhos em 2013. Fonte: (FERNANDES e COSTA, 2013, p. 124)

Nossa investigação parte de dados coletados nesta região, especificamente nas Escolas Municipais Albino Souza Cruz, Oswaldo Cruz, Professora Maria de Cerqueira e Silva, Ruy Barbosa e Juscelino Kubitschek, todas municipais e inseridas no núcleo das comunidades. A figura 3 mostra a localização dessas unidades de ensino (marcações feitas por nós):



Mapa 3: Localização das escolas que participaram da pesquisa. Fonte: GOOGLE MAPS. [Escolas em Manguinhos]. 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2G1g2b4>>

Manguinhos se destaca como um dos bairros do Rio de Janeiro com maior índice populacional, contabilizando mais de 36 mil moradores a partir de dados coletados pelo Censo 2010 (POPULACAO.NET, 2018). A partir de um documento oficial produzido pela prefeitura do Rio de Janeiro e o Instituto Pereira Passos em 2012, junto ao Conselho Estratégico de informações da Cidade, obtivemos acesso a análise de dados referente ao Censo 2010, onde observou-se regiões de favela no Rio de Janeiro, em especial, Manguinhos. Os resultados já demonstravam a realidade de vida e condições dos moradores cerca de dois anos após o início do PAC-Manguinhos, levando em consideração que os dados trabalhados foram coletados em 2010.

O documento aponta situações de subemprego, falta de saneamento básico, abastecimento de água precário, dentre outras situações, acerca de uma parcela considerável das regiões de favela no Rio de Janeiro. Manguinhos se destaca entre os três piores bairros ou regiões nos quesitos levantados acima. Podemos observar no documento que:

Considerando a taxa de distorção no Ensino Fundamental do 6º ao 9º por bairros ou grupos de bairros na cidade do Rio de Janeiro em 2010, observa-se que esta era maior que 40% em

Manguinhos, Rocinha, Cidade de Deus, Benfica, Mangueira, Costa Barros, Barros Filho, Vigário Geral, Ricardo de Albuquerque e Complexo do Alemão. Aproximadamente um terço das pessoas de seis a nove anos na escola pública apresenta dois anos ou mais de atraso, ou seja, o aluno entrou na escola com um ano de atraso ou repetiu (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2012).

Esse ponto está corroborado em resultados, pois, uma parcela dos estudantes cujos trabalhos foram investigados não tem idade condizente com o ano letivo que lhe compete, variando geralmente de um a três anos de atraso escolar.

Ainda segundo os dados de 2010/2012, os três bairros ou regiões que apresentaram maior porcentagem de desempregados no Censo 2010 foram Manguinhos, Jacarezinho e Santa Cruz (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2012). Esta realidade faz parte do cotidiano dos moradores da região de Manguinhos e afeta diretamente suas condições de vida, inclusive a cidadania, pois, tão essencial nas lutas por direitos no contexto neoliberal em que vivemos.

Em relação aos três bairros ou regiões que apresentam maior porcentagem em coleta de lixo inadequada e habitação com energia elétrica sem medidor, o famoso *gato*, Manguinhos encontra-se, respectivamente, em primeiro e segundo lugar (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2012).

Metodologia

Diante das diversas perspectivas metodológicas Minayo (2001) destaca a visão de Lênin (1870- 1924), que coloca a metodologia como alma da teoria

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. Dizia Lênin (1965) que "o método é a alma da teoria" (p. 148), distinguindo a forma exterior com que muitas vezes é abordado tal tema (como técnicas e instrumentos) do sentido generoso de pensar a metodologia como a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência (MINAYO, 2001, 16).

A articulação teórico-metodológica ocorre de maneira intrínseca, assim, a metodologia não pode permear um caminho incongruente à teoria, bem como o oposto seria inviável.

Dentro do "Ciclo da Pesquisa" sugerido pela autora (MINAYO, 2001, p. 25), a metodologia pode ser dividida em três categorias: Definição de amostragem, Coleta de dados e Organização e análise de dados.

A metodologia do presente envolve uma pesquisa documental, abrangendo trabalhos acadêmicos sobre intervenções do PAC em Manguinhos, análise de vídeo-documentários com depoimentos de moradores, bem como, análise de desenhos e textos produzidos por estudantes das escolas de Manguinhos nos anos de 2008 e 2012, buscando reunir elementos para uma visão da realidade, diante da implantação das políticas do PAC.

É uma pesquisa qualitativa, considerando principalmente dados produzidos a partir de documentação gerada pelo projeto "*Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável*", conforme descrição na fundamentação teórica do presente estudo.

Minayo (2001) destaca que a ciência humana é invariavelmente distinta das ciências naturais e, portanto, as técnicas de abordagem para suas investigações devem ser diferenciadas. Dentro das pesquisas sociais, o tratamento qualitativo é admitido, porém, deve seguir uma sequência teórico-metodológica para que seja possível uma revisão por um terceiro a posteriori, preservando o conceito de ciência (MINAYO, 2001, p.10).

Dentro da investigação qualitativa, Minayo nos oferece um conceito de representações sociais (RS), um instrumento que toma importância significativa dentro das pesquisas sociais:

Dentro dessa linha, trabalharíamos com a categoria geral, entre outras, de representação social. Essa categoria estaria sendo entendida como pensamentos, ações e sentimentos que expressam a realidade em que vivem as pessoas, servindo para explicar, justificar e questionar essa realidade. (MINAYO, 2001, p.71)

As representações sociais são códigos e símbolos que podem traduzir uma situação social em que o indivíduo esteja inserido. Suas ações são sempre condizentes a sua situação, fazendo com que o investigador possa categorizar e sequenciar os conteúdos coletados, transformando-os em dados brutos, para serem tratados em outro momento.

Em referência a "representação social", podemos também partir de uma concepção teórica marxista, onde tentaríamos compreender historicamente como as ideias categorizadas e verificadas em nossos dados foram determinadas pelas condições de existência de classes sociais numa sociedade capitalista, procurando contradições e desníveis sociais. (MINAYO, 2001, p.73)


A fim de reunir Representações Sociais (RS) para a construção de um estudo sobre a visão dos moradores de Manguinhos utilizamos a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo onde, a partir da categorização de dados coletados em temas, podemos categorizar ideias expostas em redações, colocando à mostra uma visão geral da diversidade de múltiplos atores sociais em uma única categoria. Fernando e Ana Maria Lefèvre (2014) criaram esta metodologia justamente para suprir a angústia comunicativa que ocorre dentro das pesquisas, onde gráficos e tabelas muitas vezes, não conseguem expressar o objeto em análise. Lefèvre afirma que histórias coletivas têm agregadas a elas códigos narrativos compartilhados socialmente. A partir dessas ideias codificadas, é possível desenvolver, com conteúdo e depoimentos de sentidos semelhantes, uma redação em primeira pessoa do singular verossímil e aceitável. Ou seja, uma história considerada coerente para "um indivíduo culturalmente equivalente aos pesquisados" (LEFÈVRE E

LEFÈVRE, 2014, p. 504). Seguindo o raciocínio apresentado, consideramos a condição do sujeito *falando e falado*:

Este indivíduo/coletivo é um sujeito falando/ falado já que carrega, além dos conteúdos da RS que pessoalmente (falando) adota como prática discursiva, também os conteúdos (falados) dos “outros”, ou seja, das representações semanticamente equivalentes disponíveis na sociedade e na cultura e adotadas por seus “colegas de representação”. (LEFÈVRE E LEFÈVRE, 2014, p. 503)

A partir de então cria-se a seguinte perspectiva: o individual está direcionado ao sujeito *falando*, pois, expressa um discurso pessoal, porém, não consegue desvincular-se do coletivo, o sujeito *falado*, que não deixa de manifestar códigos, reflexos e “representações semanticamente” parecidas com as de seus parceiros na representação social, atores sociais abordados sob o mesmo núcleo de pesquisa. Além disso, após a criação do DSC, o mesmo ganha vida e autonomia, como se não dependesse mais do pesquisador criador para ter algum sentido, ou seja, não há uma patente do criador de um Discurso do Sujeito Coletivo. A *expertise* do pesquisador foi necessária para corroboração do objeto, porém, a partir de sua existência, lhe é agregado uma distinção, pois, sua fonte é o próprio “útero da sociedade” (LEFÈVRE E LEFÈVRE, 2014, p. 504), no sentido de que a engendra e por ela é engendrado.

No caso do presente estudo utilizamos como fonte de produção de conhecimentos os discursos e desenhos dos estudantes representados nas fichas distribuídas nos encontros do “Tecendo Redes”, sempre considerando os temas anuais da Semana Nacional de C&T. Os desenhos foram gerados no ano de 2008 quando o evento da Semana Nacional de C&T propôs como tema de discussão EVOLUÇÃO E DIVERSIDADE. Para abordar o assunto o projeto Tecendo Redes construiu junto com professores das escolas de Manguinhos a seguinte ficha para ser preenchida com palavras ou desenhos pelos estudantes no ambiente escolar:



Projeto
TECENDO REDES POR UM PLANETA TERRA SAUDÁVEL


V Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2008

PARTICIPE COM SUA OPINIÃO
você pode escrever ou desenhar!

M | | F |
série: |
idade: |

Diversidade, para mim é...

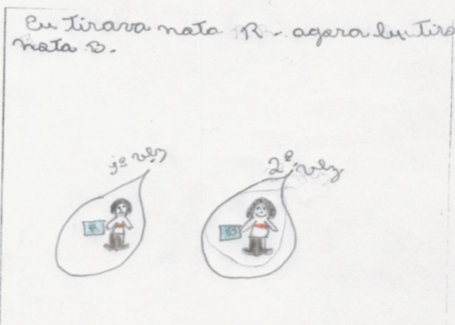
diversos animais



Elefante Peixe vaca urso

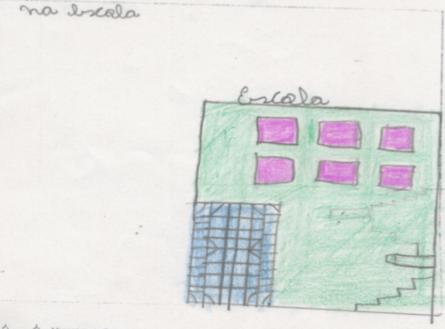
Evolução para mim é:

Eu tirava nota R - agora eu tiro nota B.



A diversidade está ... (onde?)

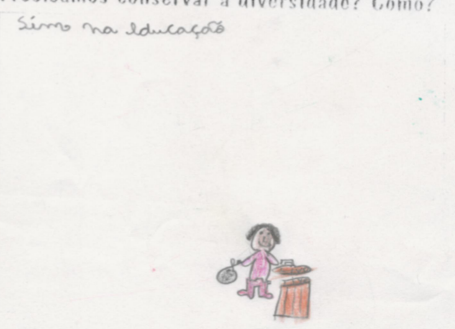
na escola


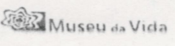


escola

Precisamos conservar a diversidade? Como?

Sim na educação




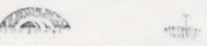



Figura 1: Ficha utilizada pelo Tecendo Redes no ano de 2008. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008

As fichas que originaram os DSCs correspondem a pesquisas realizadas em meio às ações dos anos de 2008 e 2012, sendo que os desenhos se referem somente ao ano de 2008. Como fonte para a construção dos discursos pós PAC utilizou-se a ficha de 2012 (pag. 19), considerando o tema da SNCT: Economia Verde, Sustentabilidade e Erradicação da Pobreza, por meio da qual buscamos entender aspectos da realidade dos estudantes pós PAC, sob o olhar dos educandos abordados. A análise das fichas como forma de

observação da realidade tem como fundamento os estudos de Bakhtin descritos a seguir.

A análise dos dados gerados pelos estudantes nas fichas coletadas segue as referências postuladas por Bakhtin (1895-1975), pesquisador Russo que sustenta que a linguagem é uma realidade definidora da própria condição humana (PIRES, 2002). Assim, a raiz da linguagem está no diálogo, ou no dialogismo, ou seja, o diálogo como uma forma de relação com o outro. Esses diálogos se dão por meio de Enunciados acerca da realidade. Um Enunciado seria o elemento de ligação entre a forma da língua e o sentido que se atribui a uma linguagem. Esse elemento de ligação, o Enunciado, está voltado para uma realidade específica, considerando o contexto histórico e espacial do discurso, os valores coletivos e individuais, as ideologias, de forma que por meio da Enunciação se constroem tanto os sujeitos quanto os sentidos de um discurso. Tudo isso se combina por meio das diversas linguagens que caracterizam os diálogos (PIRES, 2002).

No caso do presente estudo, ao reunirmos elementos produzidos em meio à situações dialógicas realizadas com esses estudantes, motivamos a expressão de Enunciados dos estudantes por meio de diferentes linguagens – desenhos, palavras chave, textos escritos refletindo pensamentos e ideias. Esses pensamentos caracterizam um movimento de identificação de identidades ou de alteridades na busca do reconhecimento de si mesmo por intermédio da relação solidária com os outros:

A língua é entendida não como um sistema abstrato de formas linguísticas à parte da atividade do falante, mas como um processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, que é a sua verdadeira substância (BAKHTIN, 1929, p. 127). Diferentemente de Saussure e de seu objetivismo abstrato, o autor russo valorizava a fala, que não é individual, senão social e está estreitamente ligada à enunciação, já que o momento da enunciação, instaurando a intersubjetividade, instaura também a interação (PIRES, 2002, p. 37).

Quanto aos desenhos, os estamos considerando como plataformas de linguagem densas de Enunciados, bem como uma expressão semiótica da realidade, ao lado da palavra. Nesse sentido, tanto a palavra como os desenhos vêm ocupar um lugar de fala por meio de signos organizados para a produção do diálogo social do qual participamos, permeados por ideologias,

memórias, denúncias e avaliações e imersos em um contexto histórico específico. Para Bakhtin:

a ideologia não é exterior ao semiótico, pois o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. O signo ideológico tem vida na medida em que se realiza no psiquismo e a realização psíquica vive do suporte ideológico; o signo ideológico é o território comum, tanto do psiquismo como da ideologia. Concretamente, em toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar uma síntese dialética viva entre psiquismo e ideologia, entre vida interior e exterior. Todo signo ideológico exterior, independentemente de sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência; a vida do signo exterior se faz por um processo sempre renovado de compreensão, de emoção e de assimilação em integração reiterada com o contexto interior. [...]. Existe, assim, entre o psiquismo e a ideologia, uma interação dialética indissolúvel (CORRÊA E RIBEIRO, 2012).

Esta citação refere-se ao fato de Bakhtin, ao trabalhar com a linguagem, está ciente que, de forma subjetiva, a comunicação se dá também por meio de símbolos expressando a psique dos indivíduos em meio a ideologia dominante. É nesse sentido que nossa pesquisa utiliza desenhos, palavras chave e expressões para apontar caminhos de compreensão acerca dessa “síntese dialética viva entre psiquismo e ideologia, entre vida interior e exterior” das crianças que expressam suas visões sobre a realidade de Manguinhos.

Vale ressaltar que na teoria de Bakhtin o sujeito nunca está só e sim compondo uma rede de sentidos que formam o discurso, o qual não se inicia no momento da Enunciação, mas se constrói em meio a uma trajetória histórica que se desenvolve sob interações contínuas e permanentes com os enunciados do outro: “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo (BAKHTIN, 1961, p. 293)”. Assim o caminho de análise aponta para o discurso como determinado por “um ‘cenário’” de certo acontecimento:

A compreensão viva do sentido global da palavra deve reproduzir esse acontecimento que é relação recíproca dos locutores, ela deve encená-la se se pode dizer; aquele que decifra o sentido assume o papel de ouvinte; e para sustentá-lo, deve igualmente compreender a posição dos outros participantes. (BAKHTIN, 1926, p.199, *apud* PIRES, 2002, p. 40)

O cenário a que se refere Bakhtin muitas vezes se define pelo não dito, por uma situação extra verbal que engendra o discurso. Essa situação pode ser

reconhecida por meio de três critérios que compõem o método de análise proposto por Bakhtin para a identificação do contexto extra verbal: o conhecimento do horizonte espaço-tempo comum aos interlocutores, o conhecimento e a compreensão da situação, e a avaliação manifestada pelos sujeitos frente à situação vivenciada (BAKHTIN, 1926, p.90).

Com base nesses referenciais o autor identifica que se cria um discurso do cotidiano, ou seja:

[...] a interação que une os participantes de uma mesma situação e que os faz dividirem uma unidade de condições reais de vida, tornando-os solidários e levando-os a apoiar a intersubjetividade verbal em um “nós” discursivo. A solidariedade existe entre interlocutores, qualquer que seja seu número. Quanto mais amplo o horizonte comum dos interlocutores, mais os enunciados deverão se apoiar em elementos da vida que sejam constantes e estáveis e em avaliações sociais essenciais e fundamentais (BAKHTIN, *Ibid.*, p.192).

É no contexto de um discurso do cotidiano que destacamos a contribuição de Bakhtin ao interpretar a palavra, e, em nosso caso, a palavra acompanhada da linguagem artística dos desenhos, como território comum entre interlocutores que compartilham Enunciados sobre a realidade que nos cerca, buscando desvendar sentidos, significados e contradições fundamentais que sejam úteis para nossos anseios de compreensão e transformação da realidade. As ferramentas metodológicas descritas até aqui foram as que nos forneceram aportes para sistematizar e analisar os resultados que se seguem.

Resultados

As descrições a seguir buscam responder aos objetivos específicos do presente estudo, ou seja, sistematização de desenhos e depoimentos escritos coletados junto às crianças de escolas públicas municipais de Manguinhos no período 2008 e 2012 e a identificação de questões centrais no pensamento das crianças de Manguinhos em relação à realidade em que viveram em 2008 e depois em 2012, conforme já explicitado no início desta pesquisa.

1. **Sistematização de Desenhos e Discursos produzidos no ano de 2008:**

Os resultados reúnem produções das quatro escolas analisadas no ano de 2008: Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira; Juscelino Kubitschek; Escola Municipal Albino Souza Cruz e Escola Municipal Ruy Barbosa. Soma-se um total de 130 estudantes analisados e a faixa etária dos discursos que se varia de 09 e 17 anos, com predominância dos 09 aos 13 anos (apenas quatro estudantes com 16 e 17 anos).

Os desenhos dos estudantes foram produzidos no contexto da atividade da SNCT 2008, a qual propôs que fossem feitas imagens relativas ao tema *Diversidade e Evolução*. Sobre a Diversidade os estudantes poderiam desenhar os seguintes aspectos: o que é, onde está e como conservar. Sobre Evolução: o que é pra mim. Naquele ano esses temas fizeram parte da agenda temática educativa internacional, tendo como referência as comemorações do centenário de Darwin. As escolas tomaram o preenchimento da ficha como exercício a ser feito em aula, sendo que muitos professores se dedicaram a explorar os temas com os estudantes antes do preenchimento das fichas. Nesse sentido, os resultados mostraram desenhos que enfocam símbolos, ícones e componentes da imaginação dessas crianças relativos à biodiversidade, às possibilidades para a conservação da natureza, bem como aspectos que indicam uma construção conceitual sobre o tema Evolução.

Os desenhos relativos à diversidade retratam as diversas formas da natureza, animais e vegetais bem como ambientes aquáticos e ameaças ao Planeta Terra.



Figura 2: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Albino de Souza Cruz; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

O conceito de Evolução foi ilustrado pelas crianças muitas vezes como desenvolvimento (metamorfose da borboleta), ou como progresso, tendo sido raras vezes associado ao conceito de mudanças biológicas evolucionárias ligadas a um tempo longo (geológico), gerando modificações sobre as características das espécies.



Figura 3: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 11 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

Em termos de resultados, o que nos surpreendeu foi verificar que essas crianças que se expressaram no ano de 2008 (hoje jovens de 19 a 20 anos de idade), explicitaram em meio aos desenhos e palavras diversos Enunciados acerca da realidade. Esses Enunciados estão relacionados a conjuntura histórica descrita na fundamentação teórica do presente estudo, ou seja, os saberes, as expectativas e avaliações entorno do território afetado pelas obras do PAC. Nesse sentido, foi possível ver no *discurso do cotidiano* (Bakhtin, 1926) dessas crianças Enunciados acerca das expectativas que esses sujeitos expressaram em relação às políticas públicas de intervenção urbana que aconteciam em Manguinhos no período, por meio do PAC. O que pudemos

observar foi que, em meio ao discurso sobre *Diversidade e Evolução*, as crianças de Manguinhos demonstraram uma enorme esperança ligada ao tema progresso, expressando tanto necessidades quanto expectativas de mudanças ambientais radicais, acompanhadas de mudanças nas relações sociais, nas relações com a natureza e com a melhoria da sociedade em geral. Seguem-se os exemplos dessas observações.



Figura 4: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

Os desenhos informam que as crianças de Manguinhos, tinham nesse período (2008) uma enorme expectativa de viver com mais conforto, de ter acesso à serviços urbanos de qualidade, de ter acesso às novas tecnologias, e de poder viver em um mundo mais fraterno onde os seres humanos compartilhassem o “progresso” de mãos dadas. Estas expectativas fazem parte dos Enunciados expressos pelas crianças por meio dos signos presentes em seus desenhos. Assim, pudemos observar nos mesmos, a expressão tanto de melhorias ligadas ao processo de urbanização quanto à melhorias nas condições de vida das famílias.

Os detalhes relativos a esses resultados estão sistematizados nas categorias que se seguem, amparadas em alguns exemplos ilustrativos:

Habitação: expresso por meio de desenhos de prédios associados à tecnologias – antenas parabólicas; casas que viram prédios; casas de múltiplos pavimentos; caverna que vira casa e barraco que vira casa.



Figura 5: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Ruy Barbosa; idade: 10 e 16 anos; série escolar: 6º ano e 9º ano. Fonte: Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

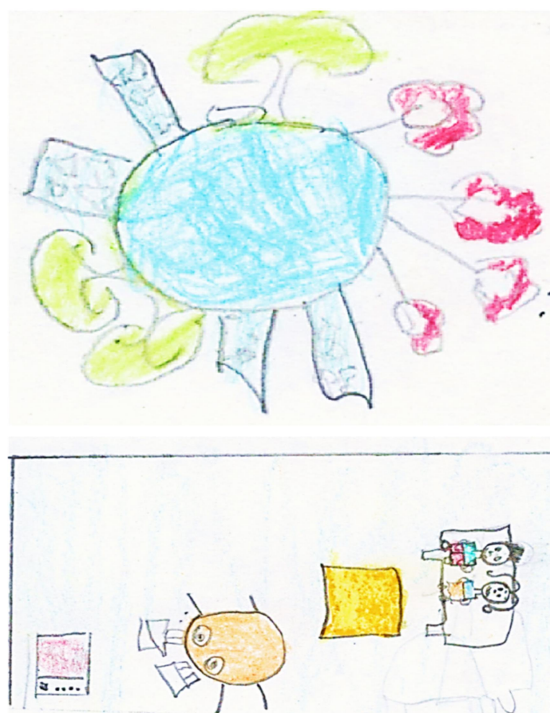


Figura 6: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 11 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

Também identificamos desenhos representativos de **Instituições de caráter social**, com destaque para o hospital; posto de emergência; escola; creche;

zoológico. Também foram ilustrados: hotel; lojas; locadora de vídeo e loja de doces.

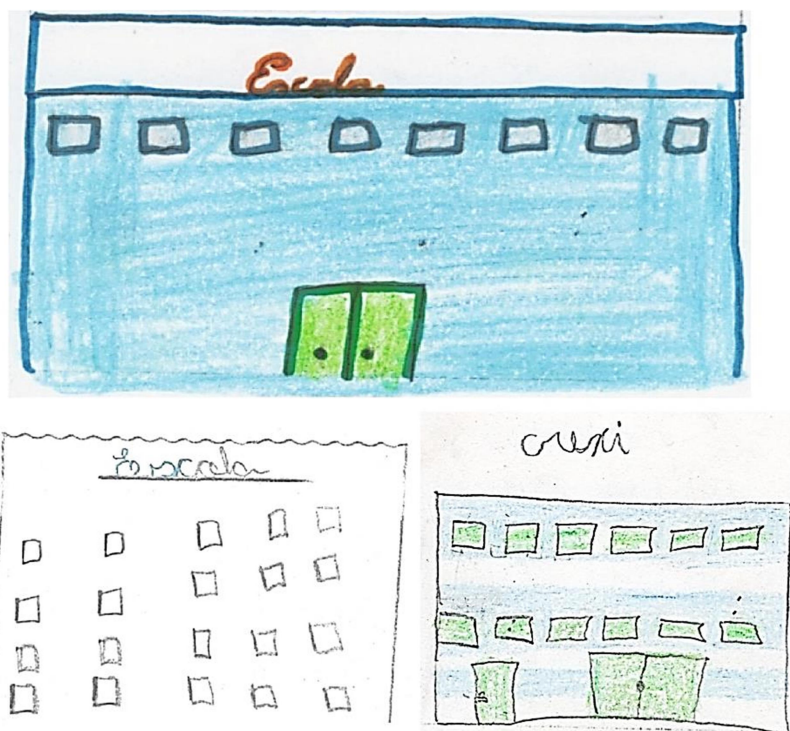


Figura 7: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 e 13 anos; série: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

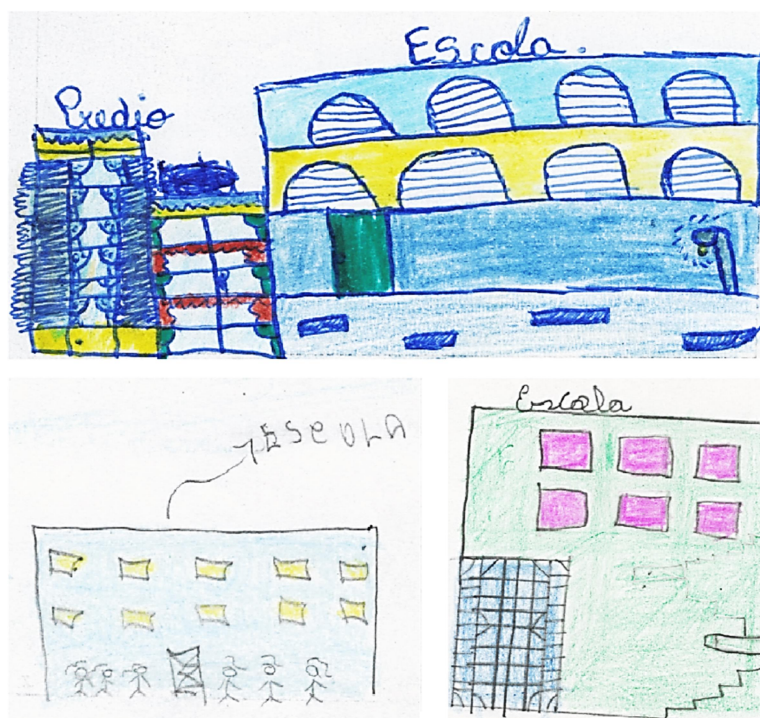


Figura 8: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 e 13 anos; série: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.



Figura 9: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

A **Relação ser humano-natureza**, onde as respostas das crianças mais se aproximam das expectativas da proposta temática da SNCT, ou seja, a abordagem do tema Evolução e Diversidade. Ainda assim, o vínculo com o cotidiano expresso nos signos fortalece o Enunciado que privilegia as relações entre Urbanização e Natureza como em desenhos que enfocam Praias Urbanas.



Figura 10: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Albino de Souza Cruz; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

No âmbito das **Tecnologias**, a maioria dessas expressões aparece ligada ao tema *Evolução*, onde os signos eleitos são computadores e TVs que se atualizam em novos modelos; rádios, celulares e câmeras de segurança. Estas podem ser relacionadas ao ambiente urbano violento e à expectativa de melhorias na segurança pública.

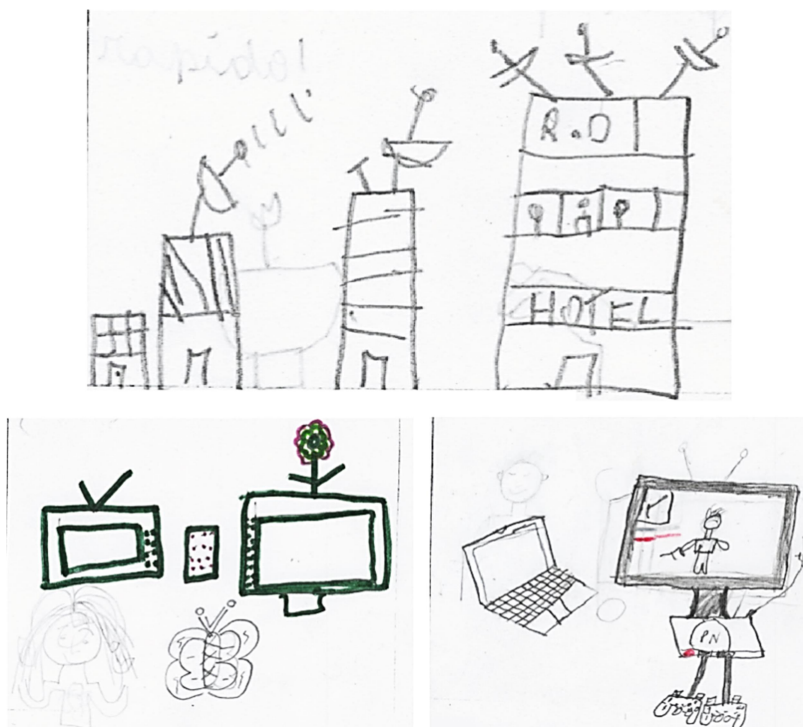


Figura 11: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 12 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

Três imagens relacionam-se diretamente com a questão da segurança pública e o cotidiano da região, além de sugerirem claras expectativas de mudança, merecendo destaque em nossa análise:

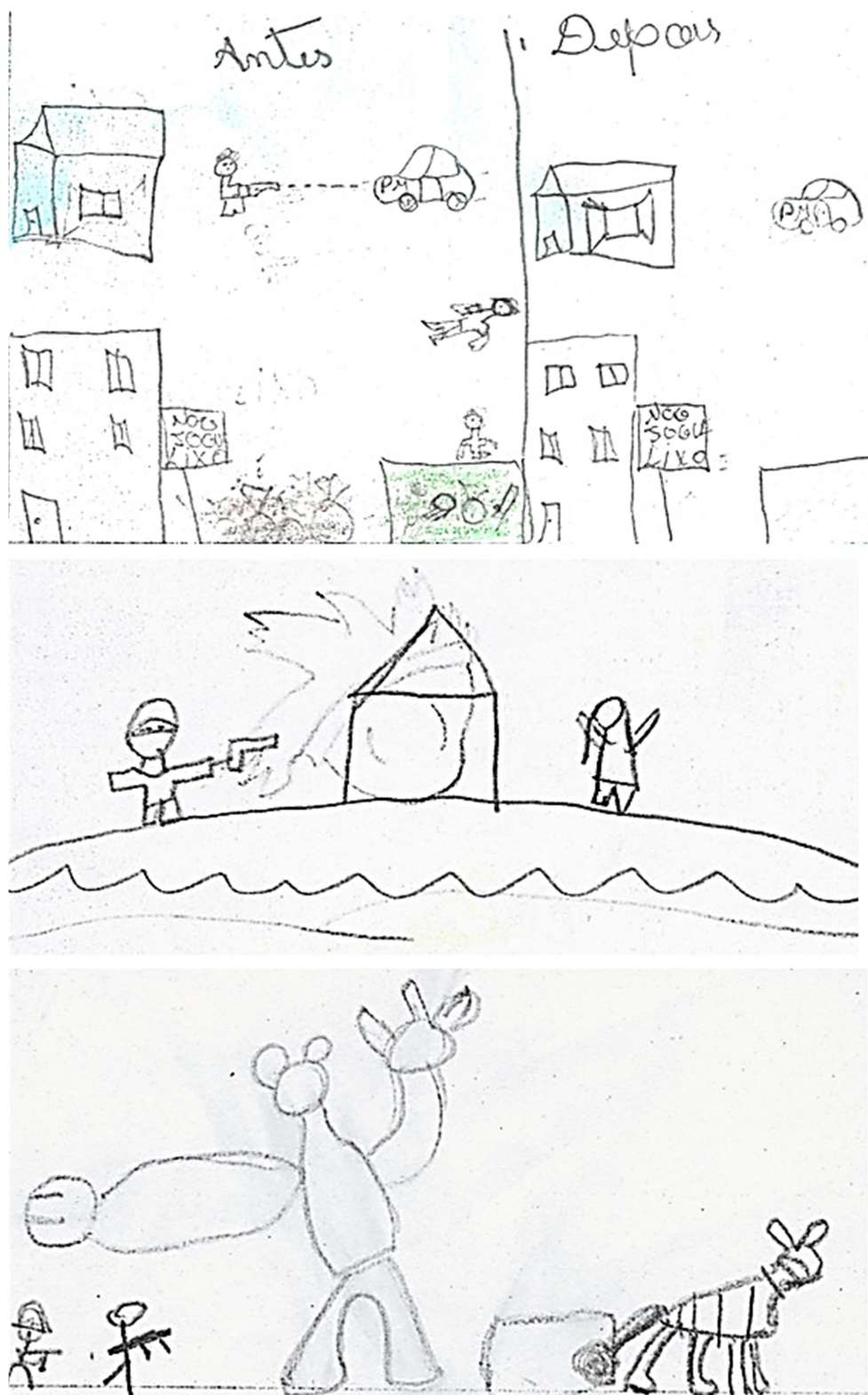


Figura 12: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

A **Mobilidade** é pouco abordada nos desenhos, porém, aparece sob as formas de aviões, melhorias urbanas em estradas e rio com ponte.

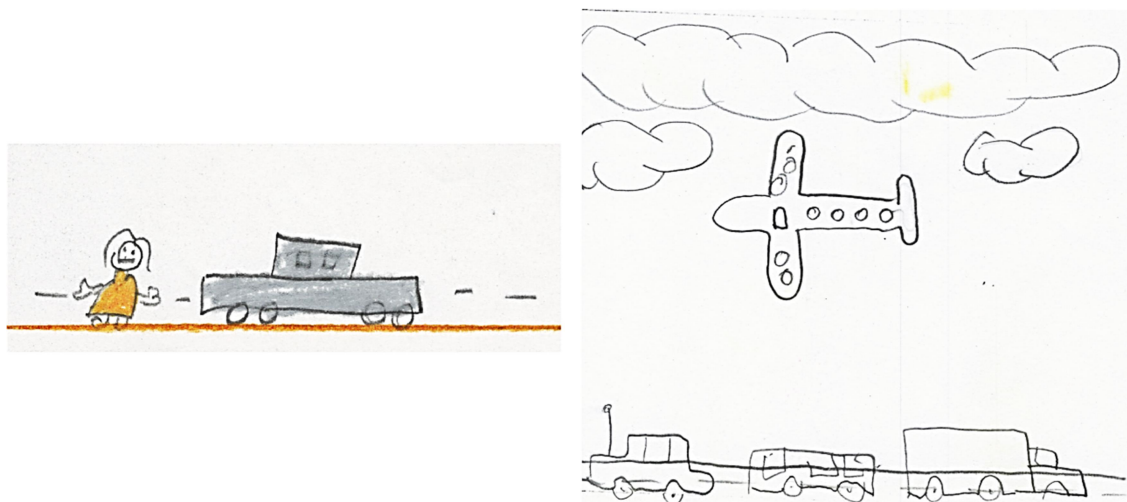


Figura 13: Ilustrações de estudantes da escola Municipal Albino de Souza Cruz; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

Amplios **Aspectos sociais** são abordados nos desenhos, sendo eles: Consumo; Religiosidade – igrejas; Coleta de lixo, moscas no lixo e latas de lixo; Diversidade racial e Paz. O tema “paz”, citado pelos estudantes nas respostas, indica o que se pode chamar de um Enunciado oculto, pois percebe-se que, de alguma maneira, a “guerra”, ou ausência de paz é perceptível aos sujeitos abordados.

Bom na minha opinião o que
 devemos fazer é ajudar o
 meu ambiente o lixo o esgoto
 o valor principalmente a limpeza
 ai vamos fazer um mundo
MELHOR.

PAZ.

Figura 14: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Escola Municipal Presidente Juscelino Kubitschek; idade: 10 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.



Figura 15: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

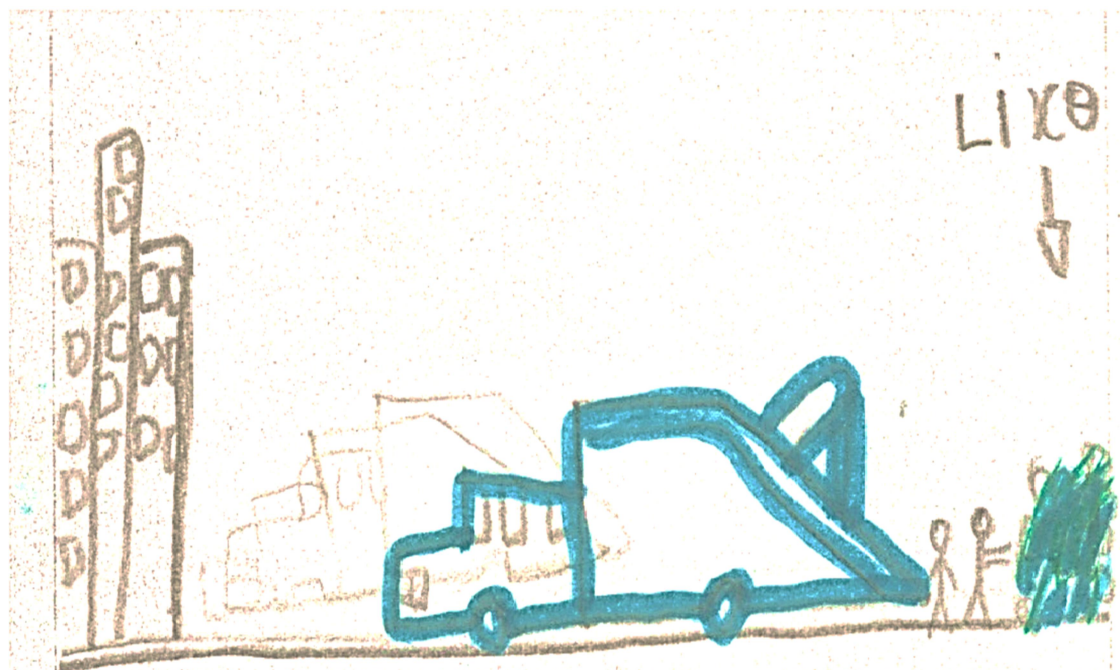


Figura 16: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Presidente Juscelino Kubitschek; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

Atividades de caráter coletivo e interação social também ocorrem, jogando futebol; soltando pipa; brincando em grupo; Indivíduos que crescem e se modificam; Integração familiar; atividades em família, como a mesa de refeições; assistir televisão em conjunto com a família ou amigos; comemoração de aniversário; melhoria de notas na escola; soltar balões, cortar árvores; molhar plantas; tratamento do lixo e soltar os passarinhos presos em gaiolas.



Figura 17: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 11 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

Todos esses temas são a chave para compreendermos, ou “ouvirmos” os Enunciados que se referem ao que as crianças de Manguinhos desejavam, consciente ou inconscientemente, nos dizer.

Considerando as teorias que nos orientam há que se despojar dos sentidos estritos ligados aos conceitos sugeridos pelas perguntas relacionadas a SNCT e das expectativas de receber respostas segundo modelos prescritos. Nesse sentido o Enunciado é o que prevalece em nossa análise como algo que possa estar reprimido ou que urge por ser exposto e compartilhado. Tomamos como base, como já discutido anteriormente em Bakhtin (1926), que

existe uma dialética indissolúvel entre nossas expressões e tudo que nos circunda. De maneira prática, independente da intenção das perguntas, as crianças se expressaram levando em consideração seus limites sociais, cotidiano em que vivem, compreensão do espaço e do tempo ao que estão inseridas, dentre outras variantes que compreendem seu Enunciado. Entre esses identificamos uma ilustração que aparentemente expressa a expectativa de que “gente grande” está reunida na prefeitura – em uma sala decorada e bem organizada – decidindo sobre as ações em Manguinhos.



Figura 18: Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Presidente Juscelino Kubitschek; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano. Fonte: arquivos Tecendo Redes, Manguinhos, 2008.

Os desenhos e fichas de 2008 continuam palavras chave, ideias e informações que foram organizadas como Discursos do Sujeito Coletivo das escolas Públicas de Manguinhos sobre os seguintes temas centrais: Tecnologia; Melhorias urbanas; Transformações; Crescimento do ser humano a partir da

idade; Família; Desenvolvimento cognitivo; Evolução humana; Aumento de renda; Afirmção de Melhorias gerais; Violência; Habitação; Poluição; Meio ambiente; Educação e Natureza.

A partir das partir de ideias centrais relativas às respostas ao questionamento *Evolução para mim é...* foram categorizados e elaborados os seguintes DSC:

Tecnologia

A tecnologia é uma evolução: do celular antigo para o celular atual. Computador e televisão, carro, bicicleta, Televisão nova, não as velhas! Evolução para mim são os móveis, é objeto, como computadores. Da televisão antiga para TV de plasma com controle. Pra mim revolução é tecnologia! A tecnologia que está crescendo cada vez mais. O aeroporto. Do vídeo cassete para o DVD, Das televisões, computador e mp4. Da máquina antiga para máquina nova. Evoluir na tecnologia é passar do computador antigo para o computador atual (DSC, Tecnologia, 2008).

Melhorias urbanas

Evolução para mim são muitas coisas que mudam como, por exemplo, Manguinhos vai ter uma bela mudança, como todos os dias eu dou uma mudança no cabelo. Um dia trançado, no outro cachinho. É O Desenvolvimento. Evolução é evoluir mais o prédio pequeno, qualquer coisa, pô. É a transformação no nosso ambiente, não passar em ruas alagadas. Mudança e adaptação ao lugar onde se vive. É construir mais lojas. Ter Posto de emergência e os hospitais (DSC, Melhorias Urbanas, 2008).

Transformações

É o processo de transformação que todo ser vivo é submetido, mas também pode ser evolução de pensamento, uma pessoa tinha uma opinião sobre um assunto e com a passar do tempo já tem outra opinião sobre o mesmo assunto. Isso é evolução para mim. É a Transformação de elementos, de seres humanos. É a lagarta virando borboleta, são mudanças e mais coisas. [...] uma coisa que é pequena e depois fica grande, é uma minhoca virando uma borboleta; É transformação ocorrida no ambiente e nos seres vivos. É a mudança de coisas (DSC, Transformações, 2008).

Crescimento do ser humano

A evolução de uma pessoa é quando uma criança nasce e passa por várias transformações até ficar bem velha: criança, adolescente, adulto. É quando um animal ou uma criança vai crescendo e vai ficando velho, [...] para mim isso que é evolução de uma pessoa. É o humano ficando velho, 5 anos,

11 anos, 15 anos. Evolução das pessoas para mim é quando a pessoa vai se desenvolvendo mais ainda. Por exemplo, quando um ainda está bebê há um tempo, ele vai se evoluindo e ficando rapaz. É a pessoa mudar tão rápido, é isso. É quando crianças passam por transformações até morrer, de quando a gente nasce até morrer. Fino, aí evolui. Cresce de menino para homem. Evolução para mim é mudar, é crescer. Mudança é crescer cada vez mais e evoluir (DSC, Crescimento do ser humano, 2008).

Família

Evolução para mim é quando sua mãe te teve, você teve sua filha, sua filha teve a filha dela e assim foi se evoluindo (DSC, Família, 2008).

Desenvolvimento cognitivo

É uma coisa que você muda de uma forma muito boa, por exemplo, antes eu tirava R na escola, agora tiro B, o outro menino era RR e agora passou para MB. É crescer, mudança e sabedoria. Um conceito amplo para aplicar em diferentes campos conhecimento humano (DSC, Desenvolvimento cognitivo, 2008).

Evolução humana

É uma Transformação como muitos, muitos anos atrás os macacos viraram humanos. Macaquinho, macaco, canibais (lanças), homem (DSC, Evolução humana, 2008).

Aumento de renda

Desenvolver cada vez mais coisas e mais rendas. É ganhar dinheiro e aumentar o prédio (DSC, Aumento de renda, 2008).

Afirmação de melhorias gerais

É a gente mudar e evoluir para melhor, crescer feliz. Evolução para mim é ótimo e também muito importante, mudar para melhor. Quando uma pessoa passa de uma situação ruim para uma situação boa, é uma coisa legal; Sou forte. É ver o mundo virando um lugar melhor para os futuros habitantes (DSC, Afirmação de melhorias gerais, 2008).

Violência

Esse homem era bandido, agora ele quer acabar com as armas. É preciso desenvolver, acabar com a violência, conhecer lugares diferentes, ajudar pessoas idosas, sem guerra (DSC, Violência, 2008).

Habitação

Evolução pra mim é transformar as casas, por exemplo, uma casa que é pequena e depois fica grande, a casa era muito feia e agora é bonita, era uma caverna e agora é uma casa. As pessoas com suas casas (DSC, Habitação, 2008).

Poluição

É preciso de mais gente para trabalhar com os garis, por que os de hoje em dia eu acho que são muito poucos para o Brasil. Os rios precisam de limpeza, tirar o lixo e mudar o mundo. Eu pratico a evolução. Temos que conservar a diversidade, não jogando lixo, não maltratando a natureza, assim, podemos conservar a pista que está cheia de lixo. É preciso evoluir o nosso ambiente, tirar os lixos das ruas e do mundo, manter a cidade e a pista de carro limpa. O meu bairro precisa de limpeza, cuide do meu bairro. Obrigado! (DSC, Poluição, 2008).

Meio ambiente

É preciso evoluir o nosso meio ambiente, as favelas, os mares; Evolução para mim são as transformações ocorridas nos seres vivos possibilitando no meio ambiente que as modificações os tornassem diferentes, gerando a biodiversidade; É o desenvolvimento das espécies que se modificaram ao longo do tempo, tornando-se diferentes e necessitando de se autorrelacionarem para um meio ambiente saudável. Evolução do planeta, o planeta tá legal. Ver os animais se reproduzir para que os animais não fiquem na extinção (DSC, Meio ambiente, 2008).

Educação

Evolução pra mim é reciclar a escola, as escolas (DSC, Educação, 2008).

Natureza

Eu adoro as flores do meu jardim, cultivar a natureza, colaborar com os animais e a floresta, mais árvores. É mudança para os seres vivos, para que consigam viver em um ambiente modificado pela natureza ou pelo ser humano (DSC, Natureza, 2008).

A sistematização dos DSC, associadas à sistematização dos desenhos mostra um panorama dos Enunciados que caracterizam o pensamento, expectativas e avaliações dos participantes acerca da realidade do ano de 2008 em Manguinhos.

Palavras que sintetizam esse discurso são: mudança, progresso, esperança. A intenção é verificar a seguir se no ano de 2012, após quatro anos

do processo de implantação do PAC, sob a mesma metodologia, os Enunciados das crianças das mesmas escolas apontam mudanças ou permanências e quais são. Vale ressaltar que em 2012 o tema da SNCT será outro mas, considerando nossas orientações teóricas, o que mobiliza nossa busca são os Enunciados e o que eles nos informam.

2. Sistematização dos discursos produzidos no ano de 2012

Para concretizar elementos de comparação entre as realidades de 2008 e 2012 a partir dos Enunciados dos estudantes, consultamos os resultados do projeto produzidos no ano de 2012. Esses resultados foram sistematizados por Campos (2014) com a construção de DSC, tendo sido analisadas um total de 270 fichas respondidas por estudantes, com faixa etária variando entre 8 e 15 anos, predominando a faixa entre 10 e 14 anos (menos de 30 alunos tinham 8, 9 ou 15 anos). Ressaltamos que estes DSCs são resultados das reflexões de estudantes das mesmas escolas da região de Manguinhos, sendo que o trabalho do ano de 2012 envolveu somente a produção escrita, não envolvendo a produção de imagens. O tema da SNCT de 2012 foi *Economia Verde, Sustentabilidade e Erradicação da Pobreza* e a ficha utilizada com os estudantes foi a mesma que ilustra o exemplo na página 26. As perguntas base do ano de 2012 consideradas para o presente estudo foram: *Como é hoje o lugar onde você mora?* e *Como você gostaria que fosse?*

Os DSCs que se seguem foram produzidos a partir das respostas de 2012 à primeira pergunta: *Como é hoje o lugar onde você mora?* A partir das respostas construímos as categorias que se seguem. Observamos que na categoria *Violência* mantivemos expressões que se referem à ausência de saneamento básico, ampliando a visão acerca das violências a que a população está exposta.

Lixo e poluição

A comunidade onde eu moro é cheia de lixo. Está tudo muito sujo. Tem lixo para todos os lados. Tem mais poluição, as pessoas jogam lixo, papel de bala no chão, e a água não tem para onde ir, então ela sai e vai para o mundo sujando tudo. Agora as ruas são muito poluídas, é uma comunidade suja. É tudo sujo, cheio de sacolas de lixo, papel molhado com um cheiro horrível. É feio, poluído, lixo solto pelas ruas, cheio de

coco de cavalos, sacolas de lixo abertas para todas as calçadas, é tudo jogado, copo, garrafa... Queria que a rua tivesse menos lixo. Os rios eram limpos, e agora é cheio de lixo. As pessoas jogam lixo no rio, e na rua. O rio é todo cheio de sujeira, cheio de bicho dentro. Quando o lixo tampa o buraco do rio e faz uma enchente, deixa tudo sujo, Com: água parada, bueiros entupidos, rios cheios de baratas, muita fumaça, a água do mangue está preta e suja. Há poluição, drogas, e lixos jogados no rio e pela rua. As pessoas não podem mais ficar no rio.

A minha mãe tem que lavar a porta de casa. Hoje a gente gasta muita sacola de plástico, os rios são cheios e tem muitas embalagens de leite, Dengue. Muita água parada.

Tem lixo para todos os lados, [A comunidade] é maior, mais violenta e com os rios mais poluídos. Hoje é mais poluído que antigamente.

Os bailes são nas ruas, além de não deixarem as pessoas dormirem, sujam tudo. Grande emissão de gás carbônico porque passa muito carro. Tem menos água, pouquíssimas árvores e muitos problemas (DSC, Lixo e poluição, 2012).

Violência

Hoje o mundo não é mais aquele, agora é perigoso, e está sendo devastado pela guerra e destruição. Mudou muito, tem muito mais violência, é cheio de impureza, com problemas, com assaltos, tiros, matança, ladras e ladrões. Hoje em dia não é nada seguro, só tem tiroteio, bandidos, muita violência.

Existe mais violência que antigamente, mais drogas, muita maldade, muitas pessoas morrendo. Hoje tem brigas, discussão e muitas pessoas más. As pessoas maltratam as crianças e muitas passam fome.

Tá piorando cada vez mais o nosso dia a dia, com risco de vida.

Estamos destruindo esse mundo a cada dia mais, ele está descuidado e sem vida. Há muita água parada, dengue, bueiros entupidos, ruas cheias de lixo, feias, o canal está sujo. Todo lugar onde você vai é poluído e muito sujo, ruim por causa da sujeira, cheio de problemas mas dá para brincar.

As pessoas não respeitam mais ninguém, destruíram tudo o que tinha de bom. É ruim por causa da sujeira, está tudo quebrado, não tem campo de futebol e os bailes fazem mais apologia ao crime. Está feio, é horrível (DSC, Violência, 2012).

Caracterizações positivas

Hoje em dia é sujinho mas até que dá para brincar.

Hoje em dia está bom, melhorou muito. O Brasil está mais organizado, mais bonito, lindo, limpo e paixão de todos. É melhor do que antigamente, agora está sentindo muitas coisas diferentes, tem muitas coisas legais e interessantes. É muito bom, nos divertimos muito.

Minha vida é muito boa, eu brinco e faço muita coisa diferente.

Está mais bonita, tem campo de futebol, muitos animais e é

ótimo o baile e o Fervo do Mandela. Hoje em dia está maneira e espero que fique melhor ainda (DSC, Caracterizações positivas, 2012).

Na concepção das respostas de *Como você gostaria que fosse?* temos:

Lixo

Primeiro tirar o lixo do rio e depois economizar água. Eu e a minha família só jogamos o lixo na lata do lixo, ajudando a manter tudo limpo. Eu e minhas amigas ajudamos a limpar a rua, manter minha casa limpa e cuidamos das plantas. Os sacos de biscoito do meu lanche eu joga na lixeira.

Nós fizemos uma passeata contra o lixo. Recolhemos o lixo da nossa comunidade, fizemos uma campanha para não jogar lixo. Eu e meus amigos fizemos cartazes para não jogarem lixo nas ruas e rios. Temos que criar uma campanha contra o lixo, botar placas para todos ajudarem a não jogar lixo na rua, juntaria todas as pessoas e formaria um grupo que se chamaria "Lixo não". Eu gostaria que as pessoas não jogassem lixo no chão, eu pedi para eles só jogarem as coisas no lixo até às 12:00, e não jogarem na rua, isso vai ajudar as pessoas (DSC, Lixo, 2012).

Resolver os problemas sozinho/cada um fazer sua parte

Queria ajudar quem não tem casa. Gostaria de ajudar as pessoas, as crianças a não pularem no rio, isso traz doenças para todos nós que pularmos no rio. Por favor, não pulem no rio. Tudo o que for, estou disposta a ajudar no que for para ser feito, ajudando animais, reciclando, doando coisas aos necessitados, ajudando as pessoas de rua, e etc. Todos nós vamos nos juntar e vamos construir um futuro melhor.

Queria que todos parassem as drogas e as brigas. Queria que o povo não fosse baleado, que tivessem menos tiroteios, menos mortes, que acabassem com o crack e que prendessem os bandidos. Gostaria de evitar drogas na comunidade, evitar a violência, que mudassem o jeito de falar em xingamentos. Gostaria de fazer justiça.

Deveria construir novas casas e novos parques, fazer obras e trabalhos, para que todos arrumassem emprego para comprar casa. Gostaria que tivesse menos descaso na saúde pública, e que as pessoas fizessem mais projetos.

Eu faço sozinho meu dever de casa, pesquisa, me arrumo e arrumo a casa. Eu faço tudo sozinho. Eu passei estudando para tirar boas notas na prova. Eu passeio, eu faço dever com minhas colegas. Eu consegui estudando até hoje e consegui chegar seguindo os comportamentos empreendedores. Obedeço aos pais e sempre vou para a escola. Sou honesto e educado.

Não deixar as coisas saírem do lugar. Eu organizei as limpezas da minha casa, limpei meu quintal e joguei o lixo fora, assim, cuidando do meio ambiente. Tirar águas acumuladas,

reciclar lixo e garrafas pet nas escolas e com elas fazer trabalhos. Mas não adianta poucos fazerem, tem que ser todos. Todos colaborarem com um futuro melhor, cuidando do planeta para ajudar a fazer um Brasil melhor.

Eu gostaria de construir um lugar melhor de viver com apartamentos para as pessoas morarem. Gostaria de tirar esses meninos que usam drogas das ruas, para eles terem as mães deles. Sem mães, pais e crianças morando nas ruas, mas o sistema é que tem que mudar. O povo brasileiro é muito acomodado. É preciso mais policiamento e que todos os bandidos fossem presos.

A gente tem que respeitar a nossa mãe, ser mais amigo, gentis uns com os outros, conscientizados, não brigando, mas sim construindo paz, seremos mais unidos e pensar mais no próximo, limpos. Menos lixo e menos violência. Geral se conscientizar que a vida vai melhorar (DSC, Resolver os problemas sozinho/cada um fazer sua parte, 2012).

Impotência

Bom, como eu sou menor de idade, minhas providências não tomariam o poder de nada. Não tem nada para fazer. A gente tenta reciclar, mas no outro dia já está sujo. Também, não adianta eles não ajudarem a limpar o rio, essas pessoas são porcas né (DSC, Impotência, 2012).

Coletividade

Todos colaborarem com um futuro melhor, deixarem de poluir o meio ambiente e não jogar lixo nas ruas para não entupir os bueiros. Cuidar bem da natureza, catar as latinhas, botar o lixo na lixeira, tirar todos os lixos da rua, diminuir a produção de lixos tóxicos, evitar desperdício de água, economizar eletricidade, não jogar lixo no rio, deixar de usar o carro e andar pé, assim, ajudando a parar de poluir o meio ambiente. Muita limpeza, cuidado e felicidade no nosso planeta para acabar com a poluição (DSC, Coletividade, 2012).

Análise dos Resultados

Com o PAC sendo implantado na região, tendo seu início exatamente no ano de 2008, os Enunciados desse período evidenciam a consciência dessas crianças em relação aos valores, dúvidas e expectativas da sociedade em que estão inseridas, entendendo que toda a riqueza das expressões observadas revelam com clareza essa constatação. Uma frase recolhida nos DSC de 2008, na categoria “Melhorias urbanas”, chama a atenção para a forma que uma criança relaciona a observação da realidade com os valores do universo infantil:

Evolução para mim são muitas coisas que mudam como, por exemplo, Manguinhos vai ter uma bela mudança, como todos os dias eu dou uma mudança no cabelo. Um dia trançado, no outro cachinho (DSC, Melhorias Urbanas, 2008).

A associação entre as melhorias urbanas esperadas com a beleza do sujeito social envolvido foi a maneira que a criança encontrou de expressar, dentro do seu conceito particular de mudança positiva, o que esperava para região de Manguinhos. O desejo de ser feliz, melhorar a situação de vida, a renda e a estética da paisagem da região ao lado do que observamos na realidade desse lugar nos faz pensar na importância das melhorias para os habitantes da região na forma de Políticas Públicas, caso essas tivessem realmente acontecido.

A poluição é algo que ganha destaque nas falas das crianças e demonstra o descaso do Estado de maneira geral com a região de Manguinhos, e num contexto geral, com as favelas. As crianças esperavam que seus rios fossem despoluídos, principalmente, por conta das enchentes históricas que assolam a região. A violência expressa pelas crianças em 2008 apontava para um ambiente de crimes, porém, demonstravam algum tipo de esperança e crença em processos de transformações mais profundas dos seres humanos: “*Esse homem era bandido, agora ele quer acabar com as armas*” (DSC, Violência, 2008). Podemos dizer que a proporção de respostas que apontam para esse sentimento de esperança é da quase totalidade dos estudantes, considerando o ano de 2008.

Se em 2008 a síntese do discurso pode ser traduzida nas palavras mudança, progresso e esperança observa-se a partir dos DSCs de 2012 uma enorme diferença entre expectativa e realidade. As categorias de DSC traduzem os sentimentos e preocupações predominantes em 2012, que se aprofundaram em relação ao lixo, à poluição, à violência, à necessidade de se fazer obras como as pretendidas pelo PAC (casas, ruas e praças). Claramente o que vemos quatro anos após o início das obras do PAC fica muito aquém do que se esperava a partir do investimento vultoso em uma política pública considerando as proporções do PAC Manguinhos.

Após o PAC, obras ficaram incompletas, em meio à escombros de casas destruídas que tiveram seus moradores retirados, incluindo estudantes da região, em meio a processos de indenização duvidosos. O Estado novamente abandonou o gerenciamento de serviços públicos para essa região de favelas, que permanecem à mercê de facções criminosas. A região compreendida nas imagens a serem expostas ainda hoje reflete situação de miséria, falta de saneamento básico, além da omissão da parte governamental em garantir situações mínimas de cidadania. Uma reportagem do *Jornal do Brasil*, datada de abril de 2018, exprime a realidade e apresenta as condições sociais às quais estão submetidos os moradores do complexo de favelas de Manguinhos. No texto, até mesmo o arquiteto modulador do projeto oferecido pelo PAC à região se mostra chocado e triste com a situação atual, pois, não era esta a condição final esperada.

O saneamento básico foi colocado em segundo plano entre as principais obras da região e acabou sendo feito, somado a erros e ineficiência. De modo geral, a péssima rede de esgoto não foi ligada ao “tronco coletor”, o que na prática significa que os dejetos ainda estão sendo jogados no rio:



Foto 1: Rio Jacaré, em Manguinhos. Fonte: JORNAL DO BRASIL, 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2xOop3x>>

Ressaltamos que as atividades do PAC-Manguinhos em 2012 estavam praticamente finalizadas no período em que os dados foram coletados. Em comparação com 2008, os dados de 2012 revelam que as crianças se incomodam porque a poluição ainda predomina em Manguinhos, sendo isto exposto com ênfase. Os documentos e documentários relativos à região de Manguinhos desse período realmente revelam a falência e total irresponsabilidade dos governantes e gestores no que se refere aos investimentos no PAC como política pública. Segundo os documentos as enchentes ainda ocorrem e em alguns locais pioraram; as péssimas condições de vida persistem, o saneamento básico previsto no projeto do PAC não ocorreu, o que implica necessariamente na avaliação de que há um descaso por parte do Estado³ pela cidadania, ou relação de direitos no que se refere à população de Manguinhos.

A categoria Violência vigora de forma intensa no DSC de 2012, evidenciando que em relação a este tema, a preocupação das crianças se aprofundou:

“Hoje o mundo não é mais aquele, agora é perigoso, e está sendo devastado pela guerra e destruição. Mudou muito, tem muito mais violência [...] existe mais violência que antigamente, mais drogas, muita maldade, muitas pessoas morrendo” (DSC, Violência, 2012).

³ Ver página 4

Fica evidente que a violência, a poluição e os demais problemas enfrentados pela população de Manguinhos, a partir de 2012 se aprofundam no cotidiano dos indivíduos, em especial por meio dos Enunciados das crianças participantes do presente estudo que, por muitas vezes, se veem obrigados a adaptar-se à rotina turbulenta, promovendo a criação de alternativas de alto risco para o enfrentamento do cenário de vulnerabilidade à que todos ficam expostos no dia a dia para trabalhar, estudar e brincar: *“Todo lugar onde você vai é poluído e muito sujo, ruim por causa da sujeira, cheio de problemas mas dá para brincar”* (DSC, Violência, 2012).

A partir dos DSC de 2012 fica também caracterizado um processo de descrença dos estudantes no papel do Estado. Essa é uma perda significativa, pois remete à construção de valores individuais acima dos coletivos, e necessariamente à ilusão de que problemas complexos criados a partir da lógica capitalista da produção de desigualdades podem ser resolvidos a partir do “cada um faz a sua parte”. Há, portanto, evidências da constatação por parte dos estudantes de que o amparo essencial do Estado para com Manguinhos não existe, pois, dificilmente ocorre ou é aplicado de maneira insatisfatória. Ao buscarmos evidências nos documentos que amparem as visões constatadas entre os estudantes, concluímos que podemos encarar os desdobramentos do PAC Manguinhos como mais um trauma histórico-social na região, visto que as duas maiores intervenções a partir de políticas públicas – Programa de Saneamento para Populações de Baixa Renda (PROSANEAR) (1995) e PAC (2008), que sustentaram uma promessa generalizada de melhoria de vida para os moradores da região não cumpriram seus propósitos, gerando sensações de abandono e conseqüente descrédito para com os governos e políticas públicas. Por outro lado, há que se considerar que os moradores ainda desejam saúde e moradia, pois, os Enunciados nos permitem observar que ainda há um grande déficit de reflexão em relação às causas: *“Geral se conscientizar que a vida vai melhorar”* (DSC, Resolver os problemas sozinho/cada um fazer sua parte, 2012). Por que não melhorou? É o questionamento que nos cabe fazer. Tomando os DSCs de 2008 e 2012 como base, verificamos que se apresentam pontuais melhorias, porém, na avaliação dos estudantes predominam estagnações e retrocessos. Prevalece nos Enunciados sentimentos de desesperança, tristeza e indignação.

O documentário "*PAC Manguinhos: Promessa, desconfiança e esperança*" (2009) corrobora a insatisfação dos moradores em relação aos problemas enfrentados durante as obras do PAC. Segue-se o depoimento de um morador:

São cinco pessoas aqui dentro, criança e tudo, e a realidade é isso aqui: Não tenho emprego, nada...

- E antes dessas obras [seu comércio] era muito cheio?

Era... caiu muito e eu não to conseguindo vender nada por conta desse lixo, que acaba enchendo de rato e eu não to conseguindo. Acaba roendo as coisas que eu estou comprando [pra vender]. Não estou tendo sossego! É muito rato, muito rato! E os outros bicho, lacrais, que ta aparecendo aqui... antigamente eu vendia um trocadinho, mas hoje em dia fechou. Eu tinha uma entrega ali, aí fechou! O movimento aqui caiu. Não to conseguindo arrumar nada! Só incluindo para quando sair eu tiver outro canto pra viver (Ivanildo José Barbosa, morador. Fonte: PAC Manguinhos: Promessa, Desconfiança, esperança, 2014)

O pós-PAC nos mostra a partir do documentário "*Cada Luto, uma luta*" (2015), que se foi ruim o cotidiano dentro de um grande canteiro de obras, que se tornou Manguinhos durante a implementação do PAC (2008-2012), após seu término não houve assistência necessária e a presença de policiais no território se mostrou criminalizadora da totalidade dos moradores introduzindo a violência armada cotidiana por parte do Estado, que passou a, em nome da perseguição ao tráfico de drogas, a ameaçar a vida dos moradores em lugares públicos. É nesse contexto que os estudantes passaram a clamar por PAZ. Muitas vítimas desse contexto social são analisadas no decorrer do documentário que tem como foco a luta das mães, que buscam por justiça perante o assassinato de seus filhos e melhorias no cotidiano da guerra em que estão inseridas. Segue se o depoimento de Ana Paula, mãe de um jovem assassinado em Manguinhos:

O caso dos nossos filhos, foram todos executados covardemente, brutalmente pela polícia em nome do Estado, né? Pra gente é sempre a mesma dor, por que a gente tem que carregar a dor, a dor, que é uma dor que a gente vai carregar pro resto das nossas vidas. A dor da perda dos nossos filhos, que é uma perda irreparável. E ao mesmo tempo a gente carrega essa dor, que eu acho que muito pior que a dor da perda é a dor de ver nosso filho ali criminalizado, sabe? Marginalizado, sabe? Por que eles fazem isso com o aval dessa sociedade que ta aí. Essa sociedade preconceituosa. (Ana Paula, moradora de

Manguinhos, mãe do Johnathan, jovem morto em uma ação da UPP. Fonte: Cada Luto, uma luta, 2015)

Vale ressaltar que os jovens vítimas dos assassinatos que hoje testemunhamos são os mesmos estudantes que em 2008 e 2012 nos trouxeram seu contexto social a partir de respostas a questionamentos ou por meio de desenhos. Vale perguntar: como estará a saúde mental dessas crianças que se tornaram jovens em meio a esperanças desfeitas e a reiteradas desilusões?

Em 2016, quatro anos após a finalização do PAC-Manguinhos a realidade ainda é socialmente constrangedora para os moradores da região. Alagamentos, péssimas condições de saneamento, falta de acessibilidade (etc). A Rua São José, a partir de pesquisas junto aos moradores e sintetizadas no Relatório *PAC MANGUINHOS: PROBLEMAS NÃO RESOLVIDOS E RECOMENDAÇÕES*, é analisada mostrando as dificuldades enfrentadas diariamente na região. Fotos, depoimentos e documentos diversos são expostos no relatório (que é público) a fim de apresentar os problemas e sugerir soluções, a partir de consulta popular dos moradores.



Foto 2: Senhor com dificuldades de locomoção em Manguinhos. Fonte: RELATÓRIO PAC MANGUINHOS: PROBLEMAS NÃO RESOLVIDOS E RECOMENDAÇÕES, 2016. Disponível em < <https://bit.ly/2j0BFZ4>>



Foto 3: Alagamento na Rua São José em Manguinhos. Fonte: RELATÓRIO PAC MANGUINHOS: PROBLEMAS NÃO RESOLVIDOS E RECOMENDAÇÕES, 2016. Disponível em < <https://bit.ly/2j0BFZ4>>



Foto 4: Casa abalada estruturalmente por conta das obras do PAC. Fonte: RELATÓRIO PAC MANGUINHOS: PROBLEMAS NÃO RESOLVIDOS E RECOMENDAÇÕES, 2016. Disponível em <<https://bit.ly/2j0BFZ4>>



Foto 5: Área denominada "Iraque" na Rua São José. Fonte: RELATÓRIO PAC MANGUINHOS: PROBLEMAS NÃO RESOLVIDOS E RECOMENDAÇÕES, 2016. Disponível em <<https://bit.ly/2j0BFZ4>>

As imagens explicitam a realidade na comunidade de Manguinhos, muito aquém das promessas de aporte de obras de infraestrutura, integração, saneamento, dentre outras, que geraram expectativas positivas junto aos moradores, incluindo as crianças, diante desta política pública que, em sua aplicação mostrou-se extremamente controversa.

Três ações foram ajuizadas em 2018 pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro a partir de manifestações dos moradores em relação ao superfaturamento das obras do PAC em 2008. Luiz Fernando Pezão, ex-governador do estado, vice-governador e secretário de obras à época da implementação do PAC é o principal investigado.

De acordo com as ações, os três contratos analisados, que contemplavam melhorias nas comunidades carentes com verba pública financiada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), sofreram superfaturamento nos valores e beneficiaram as construtoras e seus proprietários. (MPRJ, 2018)

Nosso foco não é especular corrupção, mas sim mostrar que os moradores das favelas, diante de tantas contradições, estão em constante movimentação social e pouco a pouco buscam conquistar espaços de cidadania e valorização, mesmo diante da situação de vulnerabilidade e desigualdade social que permeia seu cotidiano.

Considerações Finais

Os resultados do presente estudo dialogam com outras pesquisas que tem como foco análises dos resultados das intervenções do PAC em Manguinhos, sendo que a presente investigação destaca o protagonismo de sujeitos sociais pouco considerados na avaliação, implementação e acompanhamento de políticas públicas: as crianças, adolescentes e jovens.

O interessante é percebermos que o contexto histórico-social não é deixado de lado por elas, mesmo que expressado de maneira implícita a partir dos questionamentos levantados. A arte, a partir de ilustrações desenvolvidas pelas crianças, corrobora uma vertente importante em nossa hipótese: contradições, apontadas pelas expressões destas crianças, no que concerne à implantação de políticas públicas de urbanização no Brasil.

Expectativa e realidade talvez sejam as palavras de destaque neste estudo, pois, observou-se a criação de uma condição de esperança muito grande diante dos projetos apresentados pelo Estado para Manguinhos. Observamos, porém, que o resultado final deixou a desejar, causando uma decepção coletiva muito grande. A intervenção urbana na região em si foi gigantesca, mobilizando cerca de 670 milhões de reais entre investimentos Federais, Estaduais e Municipais (BRASIL, 2013).

Os estudos indicam uma grande incerteza em relação aos benefícios para a sociedade a partir desse alto investimento. A falta de diálogo ou, o diálogo mascarado, onde a voz do oprimido torna-se cada vez mais ignorada, é um grande problema que permeou toda a implantação do PAC e que fica espelhada nos contrastes que os resultados do presente estudo demonstram em 2008: momento de expectativa que perpassa a população, em especial das crianças, e em 2012: a realidade de uma comunidade que aprofunda suas reclamações sobre o acesso aos serviços públicos acompanhadas de inúmeras denúncias sobre os erros e consequências do PAC como política pública.

O PAC-favelas em Manguinhos, o Estado, envolto ao Capital, e a população de região, em situação de vulnerabilidade, criaram um diálogo social assimétrico. A voz da população tinha pouco poder, ou nenhum. Nem mesmo a criação de um Fórum na associação de moradores para estruturar as

discussões foi suficiente para suprir as os embates sociais envolvidos nesta situação-problema.

Nas sociedades capitalistas, em países periféricos como o Brasil, as políticas públicas refletem os princípios de desigualdade e meritocracia que marcam a própria ideologia da construção social capitalista em tempos de capitalismo mundializado e profundo:

Num extremo, sugere-se o reino da liberdade num mundo onde estaria próximo o fim do trabalho humano, com a mecanização e informatização generalizadas do cotidiano e da produção de mercadorias, um mundo de perfeito consumo (personalizado) e de abundância, culminando na substituição da política pelas redes ou infovias, como a Internet. No outro polo, mais realista, a constatação dos desequilíbrios e discrepâncias: devastação ecológica; permanência de velhas epidemias e surgimento de novas doenças endêmicas; persistência da fome dizimando populações e atingindo continentes quase inteiros; manutenção do trabalho infantil em larga escala; ressurgimento de formas de trabalho compulsório; crescimento das desigualdades sociais; recuo da participação política nos processos decisórios, reduzindo a legitimidade das democracias (FONTES, 1996, p. 41).

As desigualdades se refletem de forma cruel exatamente quando estão em jogo as necessidades e os direitos das parcelas mais vulnerabilizadas da sociedade, quando o Governo acaba tomando como objetivos priorizar aquilo que é conveniente aos que estão no poder, em especial os lucros pessoais (que hoje culminam na prisão do próprio governador responsável pelas obras do PAC à época, Sérgio Cabral e do vice-governador e secretário de obras, também à época, Luiz Fernando Pezão) e os interesses do mercado, deixando de lado as necessidades básicas e vitais de moradia e saneamento. O PAC, em sua aplicação é um exemplo concreto da afirmativa acima, pelo menos quando levada em conta sua atuação em Manguinhos. Ali foi priorizado o projeto centralizado e técnico de elevação da linha férrea em detrimento da materialização de um diálogo com a população, previsto em lei, que possibilitasse a concretização de seus sonhos de participação em um projeto de urbanização humanizado que garantisse direitos como o saneamento básico e o acesso à qualidade de vida em um bairro que respeitasse a convivência em bases ecológicas.

Em Manguinhos o crescimento econômico vigorou sob a ótica das grandes empreiteiras. Nesse sentido, a política participativa prevista no projeto

original acabou se transformando em uma política impositiva e de dominação. Os objetivos sociais e humanos ficaram em segundo plano

As abordagens provisórias nas favelas já duram mais de 114 anos, sendo que hoje os moradores das comunidades já representam 25% da população da cidade (PIVETTA et al, 2018, p. 20). Uma política, mesmo com um viés progressista, que pretende seguir concomitantemente aos interesses sociais e aos interesses do capital em algum momento acaba tendo que enfrentar conflitos entre lógicas que não se acoplam e, como diz o ditado popular: “a corda arrebenta sempre para o lado mais fraco”, no caso, os moradores das favelas atingidas pelo PAC analisaram esse processo:

[...] como parte da dimensão subjetiva, um morador do Alemão resume em sua fala, o sentido que o PAC vem tendo para a maioria: “*o novo que chega e nos remove*”. Os participantes das oficinas nas três localidades [onde aconteceu o PAC] discutiram então o novo, que chega e remove casas, pequenos negócios e antigos espaços de lazer. [...] Uma moradora do Complexo do Alemão declara: “*o PAC é um programa de Aceleração do Capitalismo*”. Um projeto que entrou sem respeitar os moradores [...] (PIVETTA et al, 2018, p. 22-23)

O Brasil, seguindo uma tendência mundial neoliberal (ROCHA, 2015, p. 131)), prioriza atualmente propostas que envolvem extremo desgaste social, principalmente em relação aos sujeitos sociais em vulnerabilizados, que tendem gradativamente a perder direitos conquistados durante o decorrer da história e com muitas lutas. Isso se expressa tanto na crescente forma de retirada dos investimentos na saúde, educação e na produção da ciência quanto em políticas ditas sociais que na verdade visam, acima de tudo, movimentar a máquina econômica.

A partir dos Enunciados implícitos nas narrativas escritas e expressões artísticas analisadas nos anos de 2008 e 2012, os resultados da presente investigação indicam as crianças de Manguinhos passaram por um curto período de muitas expectativas seguidas de um período imediato que sugere muitas perdas. Esse é o contexto em que, como outros autores que estudam a realidade de Manguinhos identificamos:

[...] a matéria prima para temas sensíveis como preconceitos, racismos, violências contra mulher, sofrimentos, tristezas, angústias, autoestima, impotências, desencantos, esperanças-desesperanças, estratégias de sobrevivência e luta, prioridades e alternativas, entre outros, cujos impactos sobre a

saúde vêm sendo discutidos por meio da concepção de sofrimento difuso. (PIVETTA et al. 2018, p. 24-25).

O sofrimento difuso a que se referem os autores está diretamente ligado aos impactos a saúde, em especial saúde mental, a que as crianças de Manguinhos foram expostas no processo em questão e que ainda está em curso:

Os problemas de saúde mental em crianças e adolescentes costumam ser decorrentes de vários fatores: problemas genéticos; distúrbios cerebrais como, por exemplo, epilepsia; violências, perdas de pessoas significativas, adversidades crônicas e eventos estressantes agudos; problemas no desenvolvimento; adoção; abrigo; além de aspectos culturais e sociais que impactam de forma significativa o desenvolvimento infantil (GONÇALVES et al. p. 353)

A violência social presente nas Favelas, em especial no lócus de nossa pesquisa, Manguinhos, afeta a saúde mental dos sujeitos desde a infância, quando a frustração diante das incoerências observadas no ambiente social pode provocar traumas de impacto significativo muitas vezes invisibilizados.

[...] ainda há muita invisibilidade em relação ao que acontece no cotidiano nas favelas. Em nossa pesquisa, identificamos vários problemas, muitos dos quais produzidos ou agravados pelas políticas públicas, como o PAC. Algumas das causas de adoecimento e morte nos vários territórios nos mostram que o drama não é visível [...] (PIVETTA et al, 2018, p. 21).

Percebe-se, por meio dos DSCs, que crianças brincam e se divertem, mesmo diante de um ambiente onde estão presentes muitas distorções sociais. Entende-se, porém, que apenas a preservação do ato de brincar não deixa de expor as crianças às injustiças sociais do ambiente hostil em que vivem, sendo crescente a marginalização desta parcela da sociedade, prejudicando seu desenvolvimento pleno e saudável.

O desenvolvimento na região de Manguinhos de ações educativas entre o Museu da Vida e Escolas Públicas por meio do projeto Tecendo Redes mostrou-se de suma importância, como fonte de dados para elaboração de resultados desta pesquisa, como também para avaliar aspectos da qualidade de vida dos moradores de Manguinhos. Ações como essa atuam como um movimento colaborativo de resistência, garantidor de canais de diálogo entre os sujeitos sociais em situação de vulnerabilidade e a sociedade, valorizando a voz e a visão especialmente de crianças e adolescentes expostos aos

impactos do sistema público, que é, por sua vez, Determinante Social da saúde e da doença na realidade em que estão inseridas essas crianças.

Fontes e Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Luyra Santos de (2014) **O projeto “Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável: a metodologia colaborativa entre o Museu da Vida e as escolas públicas vizinhas à Fundação Oswaldo Cruz em prol do direito à cidade.** Monografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

BAKHTIN, M. (1926) **Le discours dans la vie et dans la poésie.** In: TODOROV, T. Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

BRASIL, Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (2015). **O que é o PAC?**. Consultado no endereço eletrônico: <<https://bit.ly/2N52xFB>> no dia 04/07/2018 às 14:12

BRASIL, Governo Federal (2013), **PAC: Relatórios.** Consultado no endereço eletrônico: < <https://bit.ly/2K5LfKF> > no dia 26/05/2019 às 21:00.

BRASIL. Decreto n. 6.025, de 22 de jan. de 2007. **Programa de Aceleração do Crescimento.** Brasília, DF, fev. 2007. Planalto Federal, Consultado no endereço eletrônico: < <https://bit.ly/2InV0kl> > no dia 26/09/2018 às 22:00.

BONATTO, Maria Paula de Oliveira; VASCONCELLOS, Maria das Mercês Navarro (2014) **“Tecendo redes para a educação: cultura e intersetorialidade”.** In: Anais do 2º Simpósio Brasileiro de Saúde e Ambiente, 19-22/10/2014, Belo Horizonte, Minas Gerais.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI, Alberto Filho (2007) **A Saúde e seus Determinantes Sociais.** PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17(1):77-93.

CARDOSO, André; PIVETTA, Fátima; PORTO, Marcelo; CUNHA, Marize (2016) **PAC Manguinhos: Problemas não resolvidos e recomendações.**

Rio de Janeiro, LTM – Fiocruz, Arquetizando Intersubjetividades – UNISUAM, LSECAU. Relatório, p.15 – 32.

CHESNAIS, François (2015) **Mundialização: o capital financeiro no comando**. Revista Outubro, Edição 5, Artigo: p. 13 – 17.

CORRÊA, Guilherme Torres; RIBEIRO, Victoria Maria Brant. (2012) **Dialogando com Bakhtin: algumas contribuições para a compreensão das interações verbais no campo da saúde**. Artigo, Rio de Janeiro. Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação, v. 16, n.41, p. 331-341.

COSTA, Augusto Cesar; LOUREIRO, Carlos Frederico (2016) **A interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações político-pedagógicas para a educação ambiental crítica**: p 111-121. Artigo Acadêmico.

FERNANDES, Tania Maria; Costa, Renato Gama-Rosa. (2013) **As comunidades de Manguinhos na História das favelas no Rio de Janeiro**. Revista Tempo, Vol. 19 n. 34, Artigo: p. 124 e p. 128.

FONTES, Virgínia (1996) **Capitalismo, Exclusões e Inclusão Forçada**. Rio de Janeiro, Revista Tempo, Vol. 2, nº 3: p. 34-58.

FREIRE, Paulo (2016) **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra

GERMANO, Marcelo Gomes (2007) **Popularização da Ciência: Uma revisão conceitual**. Campina Grande, PB - UFPB Cad Bras Ens Fís v 24 n 1: p. 7-25

GONÇALVES, Simone; AVANCI Quintes; PESCE, Renata; XIMENES Liana Furtado (2009) **Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência**. Revista Ciência & Saúde Coletiva, Artigo, p. 353.

GOOGLE MAPS. Escolas em Manguinhos. (2018) **Roteiro entre escolas na região de Manguinhos**. Disponível em: < <https://bit.ly/2v6npGq> >. Acesso em: 01/09/2018 às 09:27.

GOOGLE MAPS. Manguinhos. (2018) **Região de Manguinhos**. Disponível em: < <https://bit.ly/2LGJLIM> >. Acesso em: 01/09/2018 às 09:24.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS, (2012) Censo 2010. **A Cidade do Rio de Janeiro** - Apresentação de Sérgio Guimarães, Diretor de Informações da Cidade do Instituto Pereira Passos. Rio de Janeiro. Atas de Reuniões, Prefeitura do Rio de Janeiro, Conselho Estratégico de Informações das Cidades.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti (2014) **Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas**. Florianópolis, SC – UFSC Revista Texto e Contexto Enfermagem: p. 502-507.

LESSA, Celia Kerstenetzky (2014) **Políticas públicas sociais. Rio de Janeiro**. Universidade Federal Fluminense, Pró-Reitoria de Graduação. Centro de Estudos sobre Desigualdade e Desenvolvimento. Texto para Discussão nº 92.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. (2007) **Emancipação e complexidade: para o repensar das tendências em Educação Ambiental**. Cadernos de Educação (Pelotas), v. 1, p. 147-162.

_____ (2007) **Emancipação**. p. 161. Consultado no endereço eletrônico: <<https://bit.ly/2K6nulJ>>, dia 25/05/2019 às 21:30.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. 9º ed. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 96.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. vol. 1.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001: p. 07-80.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, (2018) **MPRJ ajuíza três ações contra Pezão, ex-secretários e empreiteiras por superfaturamento em obras do PAC das Favelas** - Rio de Janeiro. Disponível em < <https://bit.ly/2X6WbdQ> > Acesso em 26/06/2019 às 15:34.

PAC Manguinhos: O Futuro a Deus pertence? Direção: Fabiana Melo Souza e Ludmila Cardoso de Oliveira. Produção: LTM/Fiocruz, Documentário, 2008, DVD (17 min). Youtube, 02/02/2017. Disponível em: < <https://bit.ly/2Ube1ei> >. Acessado em 04/07/2018.

PAC Manguinhos: Promessa, Desconfiança, esperança. Direção: Fabiana Melo Souza. Produção: LTM/Fiocruz, Documentário, 2009, DVD (40 min). Youtube, 20/05/2014. Disponível em três partes em: < <https://bit.ly/2ULNgSc> > < <https://bit.ly/2D5isSc> > < <https://bit.ly/2VFtgxG> >. Acessado em 04/07/2018.

PIRES, Vera Lúcia (2002) **Dialogismo e alteridade ou teoria da Enunciação em Bakhtin**. São Paulo. Universidade de São Paulo (USP), Sistema de Apoio às Disciplinas (e-disciplinas).

PIVETTA, Fátima; CUNHA, Marize; PORTO, Marcelo; ZANCAN, Lenira (2018) **Leituras sobre Políticas Públicas: O PAC Favelas como Mirante de Observação**. Rio de Janeiro, ENSP – Fiocruz, p. 5 – 33.

POPULACAO.NET. (2018) **A população de Manguinhos** - Rio de Janeiro. Disponível em < <https://bit.ly/2G3nFOx> > Acesso em 11/04/2019 às 21:00.

RIBEIRO, Victor. **Cada Luto, uma luta**. Youtube, 05/07/2015. Disponível em < <https://bit.ly/2lr6eql> >. Acessado em: 04/07/2018.

ROCHA, Patrícia (2015) **Determinação ou Determinantes? Uma discussão com base na teoria de Produção Social da Saúde**. São Paulo, SP – USP Revista da Escola de Enfermagem da USP: p. 129-135.

THALHEIMER, August (1934) **Introdução ao Materialismo Dialético. Fundamentos da Teoria Marxista**. Baseado na tradução de Luiz Monteiro, Edição da Livraria Cultura Brasileira, coleção Cultura Política e Economia, impresso na Empresa Gráfica da Revista dos Tribunaes, Rua Xavier de Toledo 72, em Junho de 1934 SP, SP. Digitação e Revisão: CVM, novembro de 2014.

TRINDADE, Claudia Peçanha da (2013) **Política Pública e o Direito à Cidade em Manguinhos, Zona Norte do Rio de Janeiro**. Rio Grande do Norte. Artigo, XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento histórico e diálogo social, ANPUH.

TRINDADE, Claudia Peçanha da. (2012) **“Não se faz omelete sem quebrar ovos”**. Política pública e participação social no PAC Manguinhos – Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.

VASCONCELLOS, Maria (2008). **EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COLABORAÇÃO ENTRE MUSEUS E ESCOLAS: limites, tensionamentos e possibilidades para a realização de um projeto político pedagógico emancipatório**. Programa de Pós-graduação em Educação UFF.